



Universidade Federal do Pará  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Mestrado em Antropologia

Alexandre Mauricio Fonseca de Azevedo

**Porto das brincadeiras no Porto-do-Sal (Belém-Pará):  
uma leitura antropológica das práticas da infância**

Belém  
2006



Alexandre Mauricio Fonseca de Azevedo

**Porto das brincadeiras no Porto-do-Sal (Belém-Pará):  
uma leitura antropológica das práticas da infância**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia, da Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção de grau de Mestre em Ciências Sociais (Antropologia).

Orientadora: Professora Doutora Diana Antonaz

Belém  
2006

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
(Biblioteca de Pós-Graduação do CFCH-UFPA, Belém-PA - Brasil)

---

Azevedo, Alexandre Maurício Fonseca de

Porto das brincadeiras no Porto-do-Sal (Belém-Pará): uma leitura antropológica das práticas da infância / Alexandre Maurício Fonseca de Azevedo; orientadora Diana Antonaz. - 2006

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006.

1. Etnologia - Belém (PA). 2. Brincadeiras - Belém (PA) - Aspectos antropológicos. 3. Crianças - Belém (PA) - Aspectos antropológicos. 4. Famílias. I. Título.

CDD - 20. ed. 306

---

Porto das Brincadeiras no Porto-do-Sal (Belém-Pará):  
uma leitura antropológicas das práticas da infância

Projeto de Dissertação apresentada ao Mestrado em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Diana Antonaz.

Este exemplar corresponde à \_\_\_\_\_ do projeto de dissertação defendido e aprovado pela Comissão julgadora em \_\_\_\_\_

Banca:

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Diana Antonaz (orientadora)

---

---

---

---

Belém  
2006

Para a minha mãezinha querida,  
Maria Ely (in memoriam), sempre  
presente no meu coração.

Para as minhas eternas crianças,  
Jéssica, João Victor, Victória e João  
Pedro, poesias vivas na minha alma.

## AGRADECIMENTOS

A minha querida orientadora, Diana Antonaz, pelo carinho, dedicação e generosidade, com quem aprendi um pouco mais da sensibilidade humana. A você Diana, a minha mais profunda gratidão; Ao professores Dr. Heraldo Maués, Dra. Maria Angélica Motta-Maués e Dr. Ernani Chaves, pelas contribuições para realização dessa dissertação. Aos demais professores do Mestrado, pela seriedade na condução dos conteúdos programáticos; Aos demais colaboradores do Programa, pelo compromisso e dedicação na administração do curso; Aos amigos e colegas de turma pelo companheirismo e troca de idéias; À Dr<sup>a</sup> Maria Eulália Sobral Toscano e à Dr<sup>a</sup> Maria Luizete Sobral Carliez, pelo carinho e incentivo; ao Dr. Alfredo Jerusalinski e a Silvia Pinto Marques que escutaram minha intimidade, aliviando minhas hesitações nos momentos mais difíceis desta elaboração teórica. A Léa Sales, pela amizade e pelo carinho estimulante; Ao meu pai, Maurício Ayres de Azevedo, pelo amor expresso em tudo que faz por mim; Aos meus irmãos, Aníbal Maurício Fonseca de Azevedo e Adriana Fonseca de Azevedo, pelo amor fraterno expresso nas palavras de carinho e incentivo; Às crianças com quem mantive contato no Porto-do-Sal e que ensinaram-me um pouco mais do universo da infância.

À minha amada Liza, um especial agradecimento pelos incessantes momentos de interlocução na construção dessa dissertação.

## RESUMO

Azevedo, Alexandre Mauricio Fonseca de. Porto das brincadeiras **no Porto-do-Sal (Belém-Pará)**: uma leitura antropologia das práticas da infância. Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2006

Esta dissertação apresenta um estudo antropológico desenvolvido no Porto-do-Sal em Belém, no qual reflete-se sobre as práticas das crianças e o modo como elas mesmas se percebem. Para tanto, é utilizado instrumento etnográfico resultante de observação pessoal prolongada. Como apoio ao trabalho de campo, utilizo o recurso das imagens fotográficas. A fim de reconstituir a reprodução das práticas sociais, parto da análise da construção das brincadeiras entre as crianças, estendendo o estudo sobre sua família.

Palavra Chave: Criança, Brincadeiras, Práticas, Família.

## ABSTRACT

Azevedo, Alexandre Mauricio Fonseca de. Porto das brincadeiras **no Porto-do-Sal (Belém-Pará)**: uma leitura antropologia das práticas da infância. Belém, 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2006

This dissertation is the result of an anthropological investigation about the practices and representation of children who live in the neighbourhood of Porto do Sal, Belém – Pará. Ethnography, as result of long-term observation and the use of photography are the main tools by which games, understood as social practices, are analysed.

Key words: Children, games, Practices, Family

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	Pôr-do-Sol no Porto-do-Sal	21
Fotografia 2	Passagem do Carmo	26
Fotografia 3	Entrada da Baixada	29
Fotografia 4	Corredor principal da Baixada	29
Fotografia 5	Casa da Eleonora (cor verde)	31
Fotografia 6	Beco do Carmo – Boate Fama	37
Fotografia 7	As crianças na entrada da Baixada	43
Fotografia 8	Vista ampla da Baixada;	44
Fotografia 9	Vista da casa de Dorilene	44
Fotografia 10	As crianças segurando sua própria foto	49
Fotografia 11	Vista interior da casa de Dorilene	51
Fotografia 12	Vista interior da casa de Dorilene	51
Fotografia 13	Vista interior da casa de Dorilene	51
Fotografia 14	Vista interior da casa de Dorilene	51
Fotografia 15	Casa de Rose; Banca de Vendas	55
Fotografia 16	As petecas de madeira	66
Fotografia 17	Izabel, Tainá e Mires na Praça do Carmo	67
Fotografia 18	Pepê jogando a “bozoca”	74
Fotografia 19	Brincadeira da Pipa	81
Fotografia 20	Brincadeira da Pipa	81
Fotografia 21	Brincadeira da Pipa	81
Fotografia 22	Brincadeira da Pipa	81
Fotografia 23	Roda do futebol em torno de Elias	85

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	10
<b>CAPITULO I .....</b>	20
<b>DESCOBRINDO O PORTO SAL</b>	-
PERCORRENDO AS RUAS DO PORTO-DO-SAL.....	22
OS CONTATOS COM OS PRIMEIROS INFORMANTES.....	24
DESCOBRINDO A PRAÇA DO CARMO.....	25
UM OLHAR SOBRE A BAIXADA.....	28
SEGUINDO AS PEGADAS DAS CRIANÇAS ENTRE OS ESPAÇOS RESTRITOS.....	34
O ESTRANHAMENTO NO BECO .....	37
<b>CAPITULO II.....</b>	41
<b>RETRARO DE FAMILIA</b>	-
AS FAMILIAS (DES) ESTRUTURADAS DA BAIXADA?.....	45
A PROXIMAÇÃO COM AS FAMILIAS .....	48
ENCONTRANDO OS MENINOS NA RUA .....	52
A ORGANIZAÇÃO FAMILIAR EM TORNO DO TRABALHO.....	54
OS EFEITOS DA DINÂMICA FAMILIAR ENTRE AS CRIANÇAS .....	59
NO RITMO DA VIDA NOTURNA .....	61
<b>CAPÍTULO III.....</b>	64
<b>AS CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS NO BRINCAR</b>	-
AS BRINCADEIRAS IMAGINADAS APARTIR DA VIDA REAL.....	66
O TEMPO DAS BRINCADEIRAS .....	69
SOBRE AS BRINCADEIRAS INVENTADAS .....	71
AS NUANÇAS DA LINGUAGEM NAS PETECAS.....	73
O LAÇO SOCIAL DAS PIPAS .....	80
OS CORPOS QUE FALAM NA BRINCADEIRA DO FUTEBOL .....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	89
<b>REFERENCIAS .....</b>	91
<b>APÊNDICE.....</b>	93
PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DO PORTO-DO-SAL.....	94

## INTRODUÇÃO

É minha intenção, nesta dissertação, apresentar um estudo antropológico, que tem como cenário o Porto-do-Sal, em Belém; estudo esse, no qual reflito sobre as práticas das crianças e o modo como elas mesmas se percebem inseridas na vivência com as famílias e nos espaços das brincadeiras. Para tanto, utilizei-me de instrumento etnográfico resultando de observação pessoal<sup>1</sup> prolongada.

O Porto-do-Sal, espaço onde vivem as crianças, sujeitos da presente pesquisa, está situado, conforme indica a figura 1, nas imediações das rua São Boaventura, Passagem do Carmo e Beco do Carmo, estendendo-se do mercado do Porto-do-Sal até a Praça do Carmo. Ali, nas proximidades da Igreja do Carmo, vivem aproximadamente cem famílias, sendo que, grande parte dessas famílias que estão localizadas na “baixada”, por onde se tem acesso por meio do Beco do Carmo, são provenientes de regiões ribeirinhas como Abaetetuba, Cameté e Igarapé Miri, e começaram a ocupar esta área na década de noventa do século XX.

Nos espaços das brincadeiras, que serão descritos posteriormente, há uma forte predominância da presença de meninos que escolhem suas brincadeiras pouco compartilhando-as com as meninas - noto que estas passam a maior parte do tempo junto às mães, ajudando nas atividades domésticas ou simplesmente participando da vida em família<sup>2</sup>.

As crianças com as quais desenvolvo a pesquisa, e que habitam e ou circulam nesta abrangência, possuem idades que variam do primeiro ano de vida até os 14 anos, sendo que, algumas destas crianças, somente por volta dos 7 anos passam a frequentar a escola regularmente.

No início da pesquisa, tive a impressão de que estaria trabalhando com “meninos de rua”, posto que observava-os efetivamente nos espaços da Praça do Carmo, onde notava,

---

<sup>1</sup> Malinowski, B. Conf. Os argonautas do pacífico ocidental.

<sup>2</sup> Por esta razão, uma boa parte das brincadeiras analisadas no capítulo III, referem-se as brincadeiras preferenciais dos meninos.

também, a presença muito restrita de seus familiares. Considero que, àquele momento, meu olhar encontrava-se, ainda, desatento, para as questões do universo familiar, preocupado que eu me achava em buscar unicamente entre as crianças e nas suas brincadeiras desenvolvidas sempre nos espaços da Praça do Carmo as respostas as minhas primeiras indagações sobre a vida delas. No contato com as crianças, comecei a perceber que muitas brincadeiras se passavam em outros cenários, para além dos espaços da Praça do Carmo, mas que ainda continuavam circunscritos às fronteiras do Porto-do-Sal. É o caso das brincadeiras nas águas da Baía do Guajará e a brincadeira de pipa na área do posto Vasconcelos. Para conhecer melhor essas brincadeiras e ao acompanhar as crianças nesses outros espaços, passei a percebê-las em contato permanente com suas famílias, sendo abrigadas e vivendo com elas. Este fato fez-me refletir, então sobre a necessidade de estender o trabalho de campo, também, para as relações familiares e para a constatação de que eu não estava trabalhando com “meninos de rua”.

A propósito desta importante questão, apontada em trabalhos que versam sobre a infância em condições de risco<sup>3</sup>, e cuja existência ou não de vínculo familiar é compreendida como definidora da condição de “meninos de rua” ou “meninos na rua”, proponho uma discussão mais abrangente em torno da realidade das crianças do porto, de forma a restituir a verdadeira acepção do termo “meninos de rua” apontando, assim, as especificidades da vida familiar no porto, sem o risco de reconhecer as crianças com o rótulo de uma categoria imprecisa e pré-estabelecida enquanto objeto de reflexão.

As crianças do Porto fazem da rua o seu local de brincadeira predileta e, nem por isso, são desprovidas de laços familiares. Ao contrário, possuem relações familiares bastante significativa, fato que pode ser corroborado pelas observações devidamente contextualizadas na observação das práticas familiares no Porto.

---

<sup>3</sup> Refiro-me mais especificamente aos trabalhos de Alvim (2004), Fonseca(1999) e Zaluar (1994)..

Logo, pude compreender que era justamente o modo de pensar sobre as crianças, que determinava toda a perspectiva e a construção de meu objeto de estudo. O fato de ter escolhido as crianças como sujeitos privilegiados na pesquisa confirma, mais uma vez, a minha disposição para (re)direcionar meu olhar sobre o universo da infância, posto que há algum tempo venho me dedicando, como psicólogo, a prática clínica com crianças – uma questão que discorro ao longo desta introdução.

Buscava uma definição de criança para que pudesse tratá-la como parâmetro de análise para avançar com minhas investigações e assim estabelecer um plano de trabalho que pudesse dar conta desta criança idealizada. Ocorre que a construção de uma etnografia densa deveria corresponder às definições e expectativas apontadas pelas próprias crianças. Assim, confiei nos dados que obtinha do campo e baseado nos princípios de uma antropologia que se faz a partir do olhar construído sobre a observação pessoal da concretude, pude compreender as particularidades da existência do ser criança no Porto-do-Sal, dada por eles mesmos, por suas ações, suas palavras, seu modo de ver o mundo. Ora, a definição tão procurada sobre o que é ser criança naquele contexto, correspondia à própria indagação que fomentou a proposta deste trabalho; correspondia a uma categoria construída no próprio contexto onde as crianças vivem, por elas mesmas.

E, dessa forma, compreendendo as crianças como sujeitos ativos e inseridos no seu meio social, vim a entender melhor como elas mesmas se auto-denominam, sendo imprescindível, neste sentido, a restituição das condições que implicam a auto-denominação do que é ser criança - para não lançar mão de definições pré-estabelecidas do que representa ser criança.

A literatura consultada por mim, mais especificamente as que tratavam sobre a infância pobre, ajudou-me a entender as particularidades do meu campo, uma vez que este me oferecia olhares diferenciados sobre o universo da infância.

A partir de leituras preliminares abria-se uma nova questão relacionada à terminologia a ser utilizada para os sujeitos da pesquisa, uma vez que há uma diversidade de termos empregados para a determinação de questões relacionadas à infância. Resolvi empregar a categoria criança, pois era justamente como eles se reconheciam no Porto. Também era a que estaria mais próxima de uma representação comum daqueles que me propunha estudar<sup>4</sup>. Portanto a escolha do termo criança traduz o caráter mais universal, mais apropriado, visto que eles mesmos se chamam de criança, um fato que é ilustrado em muitos momentos do trabalho. .

Por outro lado, as crianças, quando se referem a outras crianças, usam o termo moleque, mas não no sentido pejorativo. Embora na língua portuguesa, o referido termo seja muitas vezes associado a insultos ou a sentidos negativos, a exemplo de expressões como, “sai daqui moleque!”, “tu és um moleque!”, “deixa de ser moleque!”, o termo pode estar relacionado ao significado de uma criança esperta, brincalhona, arteira ou que “vive na molecagem”. Desse modo, o termo criança utilizado durante todo o trabalho sustenta uma espécie de neutralidade, suficiente para compreender como elas mesmas se reconhecem, sendo portanto um termo de menor ambigüidade em seu significado.

Outro aspecto relevante em minha análise, diz respeito à linguagem das crianças, a qual procurei restituir o mais fiel possível, em particular, quando me relatavam as brincadeiras, justamente para evitar qualquer falsa compreensão. Embora sem a pretensão de ser um linguísta, as categorias, as frases, os termos foram cuidadosamente restituídos, a fim preservar a compreensão de um sentido contextual, ou seja, de um sentido atrelado às circunstâncias em que esta linguagem é construída.

As constatações que faço aqui, ressaltando a importância do trabalho de campo, permitiram-me entender que eu detinha uma situação, cuja realidade era extremamente

---

<sup>4</sup> Sem deixar, no entanto, de apresentar ambigüidades.

complexa, na medida em que se delineavam dificuldades relacionadas à própria entrada em campo, assim como aquelas relacionadas com o contato com os informantes que, de início, eu havia definido como aqueles que me forneceriam os principais dados que eu buscava.

De fato, no início do trabalho, de acordo com minhas observações no primeiro capítulo, o contato com as crianças era mantido de forma bem facilitada. O método de trabalho foi determinante no sentido de favorecer a aproximação com as crianças e as famílias, mas também serviu como instrumento de reflexão sobre situações indesejadas ocorridas no decorrer do trabalho de campo.

Nessa perspectiva, o método escolhido foi essencialmente a observação pessoal prolongada<sup>5</sup> e a construção de uma etnografia densa do espaço e das pessoas na pesquisa. Como recurso de trabalho de campo optei também pela captação de imagens fotográficas. Também realizei entrevistas de caráter mais informal, visto que foram ocorrendo de forma espontânea. Ao mesmo tempo, percebia que estava entrando num mundo em que havia muitas coisas secretas.

Nessa perspectiva, elaboro certas questões enquanto psicólogo que se esforça para realizar uma pesquisa antropológica e reconheço a necessidade de problematizar a respeito deste processo de conversão de olhar. A pergunta que me passei a fazer no decorrer da pesquisa era: como alguém como eu, na condição de psicólogo, poderia produzir um fazer antropológico.

Daí a pertinência em refletir sobre o processo de desconstrução do psicólogo e o processo de construção do antropólogo, de modo que ficassem claros os problemas implicados na minha prática, durante o trabalho de campo.

Um dos aspectos pertinentes a este processo, diz respeito ao modo de *escutar* as crianças. Assim, durante as conversas que travava com as crianças no Porto-do-Sal, o meu

modo de escutá-los fluuava, não sobre o caráter de uma escuta terapêutica - própria do domínio da psicologia -, mas sobre os elementos das histórias contadas que marcavam seu discurso e estariam em sintonia com as nuances da vida coletiva. Em vários momentos, cercado pelas crianças, me percebi escutando suas conversas e, é claro, enquanto falavam eu percebia que se referiam às suas questões individuais e, ao mesmo tempo, falavam de todos e por todos. Nesse sentido, meu olhar se deparava com questões que me revelavam um duplo sentido em sua existência, uma vez que me revelavam, tanto situações atreladas a um mundo mais restrito e pessoal, como outras, ligadas a um mundo mais exterior a essa situação, que se estendia materializada na forma da rua; ou seja, o que se delineava era justamente essa relação de alternância entre a casa e a rua como expressões de um mesmo universo infantil.

Posso mesmo dizer, que embora houvesse situações em que as crianças apresentavam, claramente, conflitos de ordem psicológica notado nas atitudes, comportamentos e na expressão de sentimentos individuais, a exemplo do apelo de Romário quando me solicitou que lhe desse dois reais, a fim de contornar sua querela em família, meu foco manteve-se na análise da representação do apelo analisado sob a ótica da coerção social.

Mas isso não significa dizer que as questões de ordem psicológica como sentimentos, afetos, comportamentos e atitudes prescindam de uma análise antropológica, ou que sejam exclusivas da psicologia. Vi que era possível confrontar estas duas dimensões do conhecimento humano, de modo que os relatos que ora as crianças faziam, a partir das reflexões sobre a vida das crianças no Porto eram enriquecidas com questões que se complementavam, contudo, não é esse o debate que me proponho avançar.

Não se trata de reafirmar a intenção de uma construção etnográfica, simplesmente pela moldura de uma análise psicológisante da obra em estudo, o que certamente seria a construção de um outro objeto de estudo, mesmo que estivesse tratando sobre os mesmos sujeitos

---

<sup>5</sup> O trabalho de campo iniciou-se em março de 2004. Desde então venho realizando idas sistemáticas ao Porto-do-Sal, em horários diferenciados, pelo menos uma vez por semana. No segundo semestre de 2005, intensifiquei

pesquisados. Seria então como se trocasse de óculos para ver longe ou perto de acordo com a situação posta ou usar uma peça de roupa adequada às condições climáticas de meu habitat. Portanto para interpretar as crianças como elas mesmas se percebem na vida social, temos que usar, a princípio, um único método de análise. Do contrário, correríamos o risco de precipitação na análise dos dados coletados. Haveria uma análise equivocada sobre a realidade na vida social ou mesmo uma análise equivocada sobre as questões de fundo psíquico.

A propósito da escolha do método, que permita traduzir neste contexto, toda esta especificidade local, optei em utilizar, como recurso essencial para interpretação dos dados coletados, as imagens fotográficas, instrumento que me permitiu fazer uma leitura complementar das particularidades observadas no campo, corroborando sensivelmente para situar-me em relação ao espaço no qual se desenvolve a pesquisa.

Desse modo, a fotografia, entendida como registro de imagens de uma determinada cultura<sup>6</sup>, é utilizada desde os primórdios da antropologia, como técnica privilegiada na interpretação dos elementos da vida social, e vem se tornando, cada vez mais, um importante instrumento de conhecimento no campo das ciências sociais.

A intenção fotográfica no campo deve ser considerada com o propósito de restaurar o sentido das imagens registradas, uma vez que, das fotos, há que se abstrair o valor simbólico interpretativo, resultado do “encontro de subjetividades” (Trajano, p. 140). A objetividade constatada na imagem dos garotos segurando a pipa não é nada mais que a subjetividade de quem as registra, implicada na subjetividade das próprias crianças.

---

o o trabalho de campo indo pelo menos duas vezes por semana em horários variados.

<sup>6</sup> “Franz Boas desembarcou no Ártico para passar dois anos com os Inuit, em 1883, na mesma época em que Jules Marey apresentou a primeira chapa fotográfica realizada em um cronofotógrafo (primeiro protótipo de câmera cinematográfica). As vinculações entre cinema, fotografia e a antropologia serão muitas, a partir daí. Do próprio Boas e Bronislaw Malinowsky (ver Samim, 1994), passando por Gregory Bateson e Margaret Mead, foram muitos os que buscaram uma unidade dessas formas de expressão” (Pereira, 2000, p.52)

Com a ajuda das imagens, pude analisar em detalhes, o material com o qual, as crianças constroem suas pipas: o plástico colocado sobre a tela de miriti em cruz, o “rabo” da pipa, cuidadosamente amarrado em pequenas tiras de plástico, a linha enrolada em uma lata de leite ninho pequena e vazia, e sobretudo, o que mais me chamava atenção: os olhares, cujos semblantes nos rostos, revelavam a admiração pelo movimento das pipas no ar.

Ao construir este trabalho por meio da utilização de imagens fotográficas, procurei pensar a articulação entre as linguagens escrita e visual, no sentido de que, meu discurso antropológico, pudesse transcender uma simples interpretação fragmentada, seja por uma modalidade de discurso ou por outra, e assim, formar um todo coeso entre discurso escrito e discurso visual.

As imagens fotográficas utilizadas servem como ponto de apoio para uma reflexão complementar ao trabalho de campo, permitindo que cada cena registrada se transforme pelo ato da escrita, em algo que tenha sentido concreto para as crianças, no modo como elas manuseiam e discutem uma cena que já se passou, e que está registrada em fotografia. Sugiro assim, o termo *fotografia participante* para a utilização de um recurso do trabalho de campo que possibilita outra percepção da realidade e que pode realçar as semelhanças e diferenças no social.

Um outro ponto que merece atenção é, até que dimensão, numa pesquisa antropológica, o registro das fotos deve ser feito pelo próprio pesquisador de campo, ou deve, com alguma flexibilidade, ser elaborado por um auxiliar de campo, em quais situações, e a partir de que critérios?

Certamente, são questões de difíceis respostas, e não teríamos a pretensão de respondê-las, aqui, no contexto destas linhas. Contudo, acredito na prevalência de uma coerência interpretativa no que se refere ao tratamento das imagens coletadas, sendo o olhar

do pesquisador, determinante na tradução etnográfica, justamente por manter a confiabilidade das informações em sintonia com as imagens.

Um outra questão, merecedora de nossa atenção, refere-se ao fato de que, no âmbito dos ensaios fotográficos, muitas vezes, as pessoas adultas, se mostravam intimidadas com o processo de estar se expondo ao olhar do outro. Até mesmo, o equipamento fotográfico surgia como algo ameaçador. Não menos importante, eram as dúvidas das pessoas quanto à seleção e ao uso das imagens registradas. Neste sentido, o que se verifica no Porto, de uma forma geral, é que, as crianças aceitam com naturalidade serem fotografadas, não criando qualquer obstáculo ao procedimento adotado. Efetivamente, o material vem sendo, por eles, informalmente autorizado, atendendo assim, ao princípio da confiança entre as partes – pesquisador e crianças – uma marca do trabalho antropológico.

Desenvolver alguns de meus problemas limites que são tratados durante a pesquisa, tais como a aproximação com as famílias, a situação dos informantes privilegiados no início da pesquisa, a diversidade das brincadeiras e as especificidades da linguagem, constitui as questões centrais deste trabalho, e são desenvolvidas ao longo dos capítulos, sobre os quais discorro a seguir.

No primeiro capítulo, descrevo minha trajetória durante o trabalho de campo ao mesmo tempo em que reflito sobre o método. Daí, elaboro uma descrição minuciosa dos espaços por onde as crianças circulam, brincam e constroem suas histórias de mundo. As experiências descritas durante este trabalho de campo permitiram-me refletir sobre a complexidade do Porto-do-Sal e também serviram para que eu elaborasse melhor minhas estratégias de acesso às famílias.

No segundo capítulo, retrato a vida familiar no Porto-do-Sal, apresentando as razões que me levam a estender, a partir das crianças, o trabalho de campo sobre suas famílias. Comento as estratégias de campo que me permitiram superar adversidades e estabelecer uma

aproximação com as estas famílias. Para isso, elaboro uma etnografia na qual discorro sobre a organização familiar, a dinâmica e os valores afetivos inerentes a este convívio; faço indagações sobre as manifestações afetivas que se dão em torno das relações entre pais (cuidadores e/ou responsáveis) e filhos (afilhados, agregados e/ou adotados).

Desse modo, procuro identificar e ilustrar os vínculos parentais na configuração familiar estabelecendo um diálogo com os autores que tratam sobre as transformações da família na contemporaneidade e seus efeitos sobre a realidade do Porto-do-Sal; tento especificar como se dá o cotidiano das famílias naquele local, apontando a participação direta ou indireta das crianças na rotina da casa;

A partir da dinâmica familiar, ilustrada no segundo capítulo, discorro sobre as construções simbólicas do brincar e ressalto o caráter significativo das brincadeiras, o que ajuda a perceber como as crianças desenham os contornos da sua inserção na vida social;

Como referência teórica para a fundamentação dessa discussão, tomo emprestados os conceitos de Philippe Áries (1981), que aponta-nos, por volta do século XVII, a existência de um momento paradoxal, no qual o sentimento de família ainda se misturava à “multidão”, considerada por ele “uma personagem tão essencial quanto o coro no teatro antigo”. Com as transformações sociais ocorridas no âmbito da vida privada, o sentimento de família alarga-se nas dimensões da casa e da rua. Dito de outro modo, o sentimento de família, ganha expressão na vida que se anima na paisagem da rua, como também, a rua se anima na tessitura das relações familiares.

Daí a necessidade de refletir sobre um aspecto fundamental, implicado no meu trabalho de campo, qual seja, a desnaturalização de uma concepção de criança, vista como um ser frágil, e descontextualiza do seu entorno cultural, algo que muitas vezes incorre ao antropólogo no campo; uma visão alterada do mundo, provocadora de graves distorções no modo de interpretar as nuances da vida social

## CAPÍTULO I

### Descobrimo o Porto-do-Sal<sup>1</sup>

“Que importa a paisagem, a glória, a baía, a linha do horizonte?

- O que eu vejo é o beco”

Poema do Beco (Manoel Bandeira)

Uma vez que me coloco a pensar na construção etnográfica do espaço por onde as crianças circulam no Porto-do-Sal, vejo que o trabalho de campo<sup>2</sup>, implicado no estudo antropológico em questão, constituiu-se como matéria reflexiva fundamental, a partir da qual venho fazendo minhas descobertas como pesquisador.

Entre idas e vindas no campo, me vejo confrontado com a realidade empírica na qual se sustentam minhas descobertas, tornando possível reunir a partir das experiências no campo, um conjunto descritivo de eventos que se integram na construção etnográfica.

Logo, a descrição dos espaços percorridos pelas crianças no Porto-do-sal, só me foi possível elaborar, na medida em que vivenciava no campo, as etapas deste processo de descoberta. Precisava, então, acreditar que a construção do conhecimento sobre a realidade das crianças do “Porto”, exigia-me, como dito por Guber (2001), “uma suposta e premeditada

---

<sup>1</sup> O Porto-do-Sal está situado, conforme a figura 1, nas imediações das ruas São Boaventura, Passagem do Carmo e o Beco do Carmo, estendendo-se da Trav. Gurupá até a Praça do Carmo, nas proximidades da Igreja do Carmo, dispondo de acesso ao rio Guamá. Aquele porto inaugurado pelo então Governador Magalhães Barata, era, também, muito utilizado para embarque e desembarque de sal, que à época, era beneficiado em Belém.

<sup>2</sup> Segundo Rosana Guber (2001, p. 16), a etnografia é o conjunto de atividades que se sugere designar como ‘trabalho de campo’, compreendido este como “um método aberto de investigação em terreno onde caibam os inquéritos, as técnicas não diretivas – fundamentalmente, a observação participante e as entrevistas não dirigidas – e a residência prolongada com os sujeitos de estudo, cujo resultado se emprega como evidência para a descrição”.

ignorância”, a fim de que pudesse me confrontar com a realidade do campo e, a partir daí, entendê-lo a partir dos olhares das próprias crianças.

Falo de algo que se tornou concreto a partir das experiências durante o trabalho de campo, manifestado durante um processo de investimento reflexivo intenso, em etapas que delineavam, a cada situação de campo, uma nova compreensão, um novo olhar, e até mesmo, uma nova perspectiva do desenho etnográfico sobre as condições em que vivem os sujeitos pesquisados. Condições de vida entrelaçadas aos diversos espaços que compreendem o complexo<sup>3</sup> do Porto-do-Sal, mais especificamente o Mercado, as áreas abertas de acesso aos trapiches, a Passagem do Carmo, a Igreja do Carmo, a Praça do Carmo, a Escola Salesiana do Carmo, e o Beco do Carmo, cada um dos espaços, constituindo-se como locais diferenciados – com características próprias -, por onde as crianças transitam ,e, de alguma forma, acabam condicionando o modo de brincar.



Fotografia 1

Sendo, portanto, um processo árduo que exigiu, desde o início da pesquisa, a elaboração de várias estratégias com o intuito de garantir a melhor condição de atuação no

---

<sup>3</sup> Termo utilizado a fim de descrever a abrangência do espaço onde se desenvolve a pesquisa, intimamente associado ao modo de vida das crianças.

campo, dado a necessidade de estabelecer relações significativas com meus informantes. Eu precisava, então, criar as condições de trabalho no campo – que nem sempre eram as ideais – mas que permitiam que eu fizesse uma análise criteriosa dos dados coletados.

### **Percorrendo as ruas do Porto-do-Sal**

No primeiro momento, como estratégia de entrada no campo, refleti que deveria encontrar, com certa brevidade, um informante que pudesse apontar uma via de contacto com as crianças, e ainda, que este pudesse, minimamente, descrever o modo de vida das crianças no *Porto*. Era um momento de muitas incertezas e, é claro, eu sabia que ainda estava longe de meus objetivos. O tempo que passava no campo, transitava nas áreas próximas ao Mercado do Porto-do-Sal, local onde constatava apenas vestígios tênues da presença de crianças.

O Mercado era, eminentemente, um local por onde transitavam apenas pessoas adultas. Passei algum tempo observando<sup>4</sup> o movimento da rua nos fundos do Mercado e pude constatar a presença de mulheres jovens deslocando-se pela Passagem do Carmo em direção ao Mercado, as quais supus serem prostitutas, uma vez que são poucas as mulheres que circulam naquele entorno, e sobretudo, que se vestem de modo pouco discreto exibindo-se com saias curtas e pouca roupa sobre o corpo. Estavam elas em busca de clientes - geralmente estivadores que trabalhavam no local com estiva e desestiva de embarcações mercantes - em condições de pagar por um programa. Pude acompanhar três delas deslocando-se da área interna do mercado, e em menos de meia hora já estavam, cada qual, com seus parceiros subindo em direção ao Beco do Carmo, local onde está situada a Boate Fama, e na qual funciona um serviço de motel.

Meu olhar se fixou então, nas áreas adjacentes ao Mercado do Porto-do-Sal, onde passei a travar conversas com os comerciantes locais afim de identificar um informante que

---

<sup>4</sup> trabalho de campo realizado em 15 de julho de 2004.

estivesse, minimamente, sensibilizado com o cotidiano das crianças no Porto. Uma das primeiras pessoas com quem conversei, o Sr. Nelcy Colares, restringia-se a tecer comentários sobre os aspectos de importância econômica relativos ao Mercado do Porto-do-Sal<sup>5</sup>. Segundo ele, o Mercado representava, nos tempos de sua inauguração, um importante centro de abastecimento para Belém.

O Sr. Nelcy é proprietário de um armazém que está estreitamente ligado ao mercado, possuindo uma localização privilegiada para o comércio, levando-se em conta que é um local por onde circulam a maioria dos moradores da área situada atrás do Mercado. Nos tempos da inauguração do Mercado, havia apenas um trapiche onde funcionava o embarque e o desembarque de cargas em geral. Atualmente, o local encontra-se aterrado formando uma rua ocupada por casas de ambos os lados, estendendo-se dos fundos do Mercado - aproximadamente uns cinquenta metros - até a baía.

Na rua, as casas pequenas foram construídas em madeira sobre os esteios fincados no aterro, e estão dispostas, organizadas uma ao lado da outra, dando a impressão de que se está diante de numa vila de cenário vivo, onde se nota o burburinho da rua entre os vizinhos que se cruzam em movimento intenso. Observei no local a presença de algumas crianças brincando na rua, o que me fez pensar de que se tratava de uma forte evidência de que não teria dificuldades em encontrar as crianças naquele contexto.

A direita desta rua, nos fundos do Mercado, situa-se o principal lugar de embarque e desembarque no Porto-do-Sal, conhecido como Posto Brilhante. A área está delimitada por um muro que cerca as suas laterais, e que se une a um grande portão de ferro que está sempre aberto, cuja entrada é de acesso livre a qualquer pessoa. Neste espaço notamos a presença de pessoas adultas, com poucas crianças circulando pelo local.

---

<sup>5</sup> O Mercado está cercado por vários ramos de negócios: barbearias, armazém alimentício, bares, bazares, dentre outros.

### **O contato com os primeiros informantes**

Por indicação de outro comerciante, cujo negócio situava-se nos fundos do Mercado do Porto-do-Sal, entrei em contato com a Adriana<sup>6</sup>, reconhecida por muitos, como líder comunitária. A primeira fase do trabalho de campo foi marcada pelo entusiasmo em conhecê-la e, de certa forma, por acreditar que ela poderia revelar questões importantes para o início de minha investigação. Até aquele momento, não fazia a menor idéia de onde encontrar as crianças.

Adriana falava das crianças do *Porto* como se referindo aos próprios filhos; expressava com ênfase o que entendia ser melhor para a sua educação, sendo sua fala tomada pela certeza de saber, exatamente como as crianças deveriam ser educadas naquele contexto. Adriana repudiava a exposição permanente das crianças - pelos pais ou de pessoas que as cuidavam - à intensa vida noturna do Porto, uma vez que, direta ou indiretamente, sempre, alguém da família, estava de algum modo, vinculado às atividades noturnas daquele espaço. Dizia que as crianças pré-adolescentes convivem diariamente no meio de muitos adultos, razão pela qual acreditava que as meninas começavam a se prostituir muito cedo, “antes mesmo dos quinze anos”.

Adriana também ressaltou um acontecimento sobre o desaparecimento de uma criança de quatro anos, Elielton, dizendo que “ele passava o dia brincando na praça, brincava, brincava, brincava, e aí quando cansava dormia no banco da praça. A mãe se prostitui e quase não dá atenção ao menino, o pai usa drogas e também não cuida do menino”.

Sabia que Adriana era uma informante muito disponível à ajudar-me, de quem não poderia prescindir suas observações, contudo, na medida em que estreitava minhas relações com ela, passava a perceber no seu discurso, um forte apelo assistencialista, como algo

---

<sup>6</sup> Adriana é uma mulher de 28 anos, tem três filhos e é moradora de uma das casas situada na Pass. do Carmo (atualmente a casa foi demolida para construção de uma nova casa), exerce a função de conselheira comunitária, atividade esta que lhe confere uma certa importância entre os moradores do local, uma vez que a ela é permitida

impreciso sobre a realidade das crianças com relação ao que pude ver depois. Ela falava das crianças como se elas estivessem distanciadas de seu mundo. Isso tudo me fez pensar que ela falava com distanciamento sobre a realidade que eu começava, então, a conhecer. Era comum ouvir Adriana, ressaltando os aspectos negativos de um caso isolado de negligência familiar e o tomava como padrão extensivo à outras famílias.

Nas entrelinhas, era como se houvesse para ela, no *Porto*, dois mundos bem distintos: um mundo dos adultos e um mundo das crianças que não correspondia ao seu. Adriana sugeriu que eu procurasse então, uma outra pessoa chamado Elias<sup>7</sup>, que, certamente, segundo ela, estaria em melhores condições de falar das crianças, visto que o referido homem tratava com intimidade as crianças do Porto, e era a única pessoa adulta, que passava um certo tempo brincando com as crianças, mais especificamente organizava o futebol das crianças menores.

### **Descobrimo a Praça do Carmo**

A partir daquele momento, redefini meu campo de atuação, voltando-me para o entorno da Praça do Carmo, local este que provocava uma mudança significativa no meu olhar sobre as crianças. Ao aproximar-me delas, justamente onde mais brincavam, pude perceber como as crianças se relacionavam entre elas, com os adultos; pude entender o modo como brincavam e expressavam suas ideias. Experimentava no campo, a partir daquele momento, algo que ampliaria minha visão sobre vários aspectos relacionados à sociabilidade e ao modo de viver no Porto-do-Sal.

Nessa etapa, durante minhas investidas a campo, muitas vezes, subia e descia a rua do Carmo percorrendo o trajeto entre a casa de Adriana (localizada mais nas proximidades do

---

a participação nas discussões políticas travadas acerca das melhorias de âmbito geral relacionadas ao Porto-do-Sal. Adriana foi uma das primeiras pessoas consultadas no início do trabalho de campo.

<sup>7</sup> O Sr. Elias é morador antigo de um bangalô, defronte a Praça do Carmo. Soube que era ex-jogador de futebol do Clube do Remo e que se dedicava a um trabalho assistencial em Ananindeua, com crianças carentes. Certo dia disse-me que acreditava no incentivo ao esporte para retirar as crianças dos riscos da marginalização.

Mercado do Porto-do-Sal) e a Praça do Carmo (local privilegiado para o “jogo de pelada”, organizado pelo Sr. Elias), à procura de respostas às minhas indagações.



Fotografia 2

Acreditava que a Praça do Carmo, era um local onde ocorria, prevalentemente, o jogo de bola das crianças menores, no entanto, fui surpreendido pela percepção de um lugar, onde ocorriam muitas outras brincadeiras, de um modo bem diversificado.

A Praça do Carmo é vista como um dos locais mais frequentados pelas crianças, espaço este, que é marcado, predominantemente, pelo jogo de bola. O “campo de pelada” é improvisado nas linhas “imaginárias” do contorno esférico da praça, e o gol “abstrato”, fica delimitado ente dois bancos, nos lados opostos do espaço circular que compõe aquele cimentado.

Nota-se que em torno da “pelada”, inúmeras situações acontecem, as quais pretendemos expor no capítulo III, mas torna-se importante ressaltar que a Praça do Carmo é um dos locais onde se reúnem mais crianças, que brincam e ocupam o local em tempos e horários diferenciados. Isso permite que se constate, na mediada em que o espaço passa a ser frequentado por mais pessoas, as regras de convívio que passam a vigorar espontaneamente e

normatizam a utilização daquele espaço, que aqui podemos ilustrar, descrevendo o modo como as crianças se utilizam do campo de *pelada improvisado* em horários diferenciados do dia. As crianças menores ocupavam o campo em horários matinais, enquanto que, às crianças maiores – ou pré-adolescentes – eram reservados os horários noturnos<sup>8</sup>.

Há que se colocar, que a Praça do Carmo se traduz como um espaço de circulação diversificada, uma vez que seu uso, depreende, naturalmente, das funções que lhe são dadas. Talvez por estar na fronteira entre pessoas que enfrentam realidades diferenciadas no âmbito do social - já que há um nítido contraste entre as casas da “baixada” e as casas que circundam a praça -, tenha sido o espaço de acesso mais imediato no início da pesquisa.

A Praça do Carmo constituiu-se como a etapa intermediária do trabalho de campo, sendo possível naquele espaço, contactar com muitas crianças. Geralmente, estas crianças se mostravam muito interessadas pelo que eu fazia, sendo portanto, necessário, explicar à cada uma das que me perguntavam o que estava fazendo ali, que minha intenção era escrever uma história a seu respeito. Naquele momento, suscitava em mim, os primeiros questionamentos sobre o registro fotográfico.

Passei então a frequentar aquele espaço e, meu olhar, começou a se ampliar no sentido de fazer novas constatações, que me permitiram conhecer mais de perto o mundo das crianças.

Eu acreditava que o espaço da Praça do Carmo ou qualquer outro espaço por onde as crianças circulavam no Porto, eram espaços construídos no espelho na vida social, ou melhor dizendo, eram espaços que produziam sentido para suas vidas, e, portanto, achei que deveria procurar nas pessoas as razões desse sentido. Refiro-me ao sentido dado ao espaço, pensando a *Praça*, o “*beco*” ou qualquer pedaço de chão daquele contexto urbano, como a matéria na

---

<sup>8</sup> Atualmente o jogo de futebol na praça está suspenso em razão da atitude impositiva do Sr. Elias que teve sua casa, várias vezes atingida pelas bolas. Segundo as crianças, como não foi atendido a demanda do Sr. Elias, para

qual se imprimem as pegadas da vida destas crianças. Minha intenção, a essa altura, seria a descrição do espaço, com base na matéria que evoca uma certa importância para as crianças e suas famílias.

Os espaços dos quais estamos falando contemplam, eminentemente, os locais por onde as crianças circulam, vivem suas brincadeiras e constroem suas relações. Dito de outro modo, trata-se de entender como se desenham as marcas que engendram vida na geografia local.

### **Um olhar sobre a baixada**

Seguindo as pegadas que ladeiam a Igreja do Carmo, encontramos inicialmente, a Passagem do Carmo, uma rua de chão batido em declive, parcialmente revestida de pedras. A rua é o principal acesso ao conjunto das casas erguidas na “invasão”<sup>9</sup> e é localmente conhecida como “baixada”, nome que se refere também ao conjunto das casas. A referida rua estende-se do Beco do Carmo ao Mercado do Porto-do-Sal, sendo também, o caminho de acesso às áreas dos trapiches - utilizada para embarque e desembarque de passageiros e cargas em geral. No trecho da rua que está próximo ao Beco, observa-se, diariamente, um intenso fluxo de pessoas.

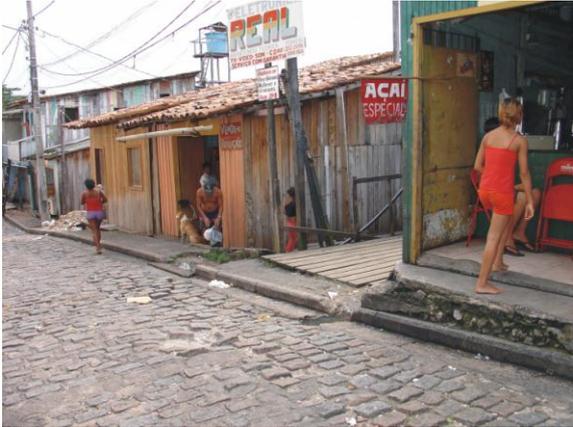
Neste trecho, a Pass. do Carmo oferece aos olhos de um observador atento, um cenário de muita efervescência, notado pelo movimento de pessoas que sobem e descem a rua, o que causa a nítida impressão de que a vida íntima nas casas se mistura à vida da rua. Há momentos em que esta fronteira está tão tênue, que causa a impressão de estarmos diante de

---

interrupção dos jogos das crianças maiores, passou a chamar a polícia sempre que sua casa era atingida pela bola, fato este que fez com que as crianças menores também deixassem de jogar a bola.

<sup>9</sup> Segundo os moradores da “baixada”, o local tornou-se área de “invasão” durante o processo de desapropriação da empresa Empesca, momento em que foram erguidas as habitações, posteriormente reconhecidas, como pertencentes à área de invasão. A área é também conhecida pelos moradores locais como “Porto do antigo Araparí”.

uma coisa só, onde os espaços se misturam. Isso quer dizer que as relações estabelecidas entre familiares, vizinhos, transeuntes e outros moradores locais, tornam-se tão íntimas que acabam transpondo fronteiras para além das próprias casas.



Fotografia 3



Fotografia 4

Algumas das casas, as quais me refiro, estão alinhadas na Passagem do Carmo em oposição ao muro da Igreja do Carmo, e funcionam também, como pontos, onde as famílias desenvolvem algum tipo de atividades comerciais.

As crianças se deslocam freqüentemente pela Pass. do Carmo, ora subindo, movimentando-se no sentido da praça do Carmo, ora descendo no sentido das áreas abertas aos trapiches por onde atracam os barcos. Quando seguem ou retornam de suas casas - posto que a maioria delas reside, justamente, nas casas da “invasão” - atravessam a rua no sentido perpendicular para adentrar à “baixada”.

Um fato curioso, durante os primeiros trabalhos de campo na Praça do Carmo, foi a atitude curiosa das crianças com relação a minha presença e, sobretudo, com relação ao meu material de trabalho; muitas vezes elas pediam para manusear a máquina fotográfica, simulando olhares através desta, e buscando posições diversas, enquadrando seus pares ou o

que mais lhes interessava<sup>10</sup>. A atitude de desprendimento no campo, permitiu que, em alguns momentos, eles mesmos pudessem fotografar, a partir de seu próprio olhar, as imagens que lhes inspiravam algo significativo, contribuindo assim, para que a técnica sugerida, obtivesse o apoio irrestrito de todas as crianças.

Devo ressaltar que, durante boa parte do trabalho de campo onde se transcorreu a pesquisa, o contato com as crianças era realizado, essencialmente, em torno dos espaços compreendidos pela Praça do Carmo e às áreas adjacentes a rua do Carmo, e, portanto, desde o início da pesquisa, representou um desafio para mim, adentrar o conjunto de casas<sup>11</sup> da “baixada”, onde a maioria das crianças morava. Isso porque, percebia como sendo um local fechado, marcado por atividades clandestinas<sup>12</sup>, e frequentado, somente pelos moradores do lugar, onde as condições de uso diziam respeito ao caráter da vida privada daquelas pessoas, quê, de certo modo, provocava em mim uma certa intimidação, não no sentido do acesso físico, mas do acesso às pessoas.

Portanto, na medida em que o tempo de realização da pesquisa passava, inquietavam-me, ainda mais, as incertezas sobre aquele universo. Eu, imaginava como seria recebido pelas famílias; e que talvez, eu pudesse me deparar com situações de resistência à minha presença.

Mas, compreendo que essas adversidades fazem parte da vivência do antropólogo no campo, sobretudo no *conjunto da baixada* com tantas especificidades – evidenciadas nas particularidades da intimidade destas famílias; que tais situações de resistência são pertinentes ao processo de descoberta dos espaços, e, portanto, não deveriam esmorecer minha disposição em prosseguir com a investigação de campo. Contudo, devo admitir que, viví, diante das

---

<sup>10</sup> Uma das fotos que retrata este procedimento, foi realizada na Praça do Carmo, no mês de agosto por Tainá, 7 anos.

<sup>11</sup> A partir deste momento passo a referir como “conjunto da baixada” à todo o espaço compreendido pelo conjunto das casas erguidas na “baixada”, que estão localizadas na área de “invasão”, cuja entrada pode ser acessada pela Passagem do Carmo situada nas laterais da Igreja do Carmo, próximo ao Beco do Carmo.

interrogações que me fazia no campo, alguns momentos de muito sofrimento na condução do trabalho.

Lembro, a esse respeito, da dificuldade para conseguir um primeiro depoimento, de um adulto, que ilustrasse algo sobre os aspectos da vida íntima, em família, das crianças moradoras do Porto-do-Sal.

Desse modo, por indicação de Adriana, realizei contato com Eleonor, moradora de uma das casas da “baixada”, que trabalha como manicure, condição esta que, esporadicamente, lhe possibilita prestar serviços à Adriana, freqüentando sua casa a fim de lhe “fazer as unhas”. Seria esta, então, minha primeira entrada naquele espaço, que marca a fase final de meu trabalho de campo.



Fotografia 5

Embora tenha percebido nas entrelinhas da fala de Eleonor, um discurso, a mim dirigido, em tom de lamentação sobre as condições assistenciais - dadas as condições do ambiente que segundo seus comentários, não favoreciam a criação de seus filhos e netos -, e, portanto, pouco significativas no que diz respeito à realidade na qual vivem as crianças que

---

<sup>12</sup> Refiro-me principalmente às atividades de prostituição, uma vez que é evidente o engajamento de pessoas -

residem no *conjunto da baixada*, a experiência de ter adentrado àquele espaço, me possibilitou observar um cenário que ampliaria meu olhar para um mundo ainda desconhecido, revelando-me, posteriormente, pontos importantes sobre os aspectos da vida privada das crianças do *Porto*.

Aos poucos, na medida em que percorria e conhecia melhor aquele espaço, experimentava a forte sensação de que poderia encontrar respostas às questões que vinha formulando em meu pensamento. Desse modo, a angústia do desconhecido foi se dissipando.

Ao entrar na “baixada”, pude observar as casas dispostas nas laterais de um amplo corredor de tablado, coberto com telhas de fibro-cimento. Constatei que o complexo abriga as habitações, que são do tipo palafita, sustentadas por estacarias que se entrecruzam. No corredor de acesso às casas, estavam dispostos, uma oficina de concerto de motores marítimos e um pequeno galpão utilizado como depósito de sucataria. Na área central do *conjunto da baixada*, à direita de quem entra, situa-se um bar onde se descortina uma visão panorâmica do ambiente, que segundo Eleonor, pertence ao mesmo proprietário da Boate Fama. Faz parte ainda daquele espaço, um local pouco acessível, conhecido por poucos como “calabouço”, onde, circulam poucas pessoas adultas e nenhuma criança. Segundo Adriana, o calabouço é um local perigoso, onde pessoas vão para se drogar e ter relações íntimas. Sabe, que apenas uma pessoa mora por lá. Trata-se de alguém que está por lá, cotidianamente, e por alguma habilidade particular no modo de relacionar-se com as pessoas que circulam por lá, consegue transitar no local sem ter quaisquer problemas. Adriana preferiu não mencionar o nome das pessoas.

No interior daquele *conjunto* de habitação, muitas crianças passam o dia brincando, algumas sobem nas estacas que sustentam os telhados das casas para pegar pipas caídas das

brincadeiras de empinar pipas, outros brincam de pira<sup>13</sup> ou mesmo permanecem transitando livremente à busca de algo que possa preencher seu dia. De um modo geral, estão sempre brincando em grupo. O contato com as crianças vizinhas se torna muito próximo, uma vez que as casas passam a maior parte do tempo abertas, estendendo suas fronteiras com a rua – na área comum de circulação do *conjunto da baixada*.

Em uma das situações de campo, observei duas crianças almoçando no chão, munidas de colheres, cada qual a sua maneira, sem que a mãe estivesse lhes enfiando comida na boca. Ao mesmo tempo percebia a suposta mãe, convocar os outros supostos filhos para o almoço. Embora estivesse com a câmera fotográfica e com o desejo de registrar aquela imagem, senti-me constrangido em fazê-lo. Percebi que era uma área movimentada, com regras de convivência própria entre as pessoas, ainda não assimiladas por mim. Achei que precisaria de ser autorizado por estas pessoas, posto que, cada vez mais, naquele ambiente, percebia que as coisas eram realizadas às ocultas, me dando a impressão de uma semi-clandestinidade. Portanto me fazendo refletir que eu deveria, como estratégia de campo, introduzir-me de forma a não afrontar ou chocar as pessoas na sua própria intimidade.

Mas como seria então esta autorização? O bom senso diante das situações inusitadas do campo, me dizia que, a autorização perpassava pela sensibilidade em perceber os sinais que me deixariam mais a vontade naquela determinada situação, justamente algo que acreditava conseguir, somente por meio de uma aproximação com as famílias.

---

<sup>13</sup> A brincadeira de pira é muito comum entre as crianças do Porto. Consiste numa brincadeira na qual há sempre uma pessoa na representação de mãe, que corre atrás das outras crianças a fim de pegá-los. Quando a última criança é pega, começa novamente a mesma pira, passando para o lugar de mãe a última pessoa pega a brincadeira anterior.

### **Seguindo as pegadas das crianças entre os espaços restritos**

Ao mesmo tempo em que eu investia na aproximação com as famílias das crianças, realizando contatos preliminares com alguns de seus membros que acompanhavam as crianças durante as brincadeiras na Praça do Carmo, também, fazia visitas esporádicas à Escola Salesiana. Meu objetivo era obter informações sobre a hipótese na qual se pudesse refletir sobre a influência do discurso religioso na rotina de vida das crianças, haja vista que a Igreja e a Escola Salesiana, situam-se em posição centralizada no complexo do Porto-do-Sal. Entretanto, posteriormente, vim a constatar que as crianças pouco frequentavam aqueles espaços, havendo, portanto, pouca razão, para aprofundar uma investigação de campo entre estas duas instituições.

Pude compreender que o vínculo das crianças com pessoas ligadas às duas instituições era praticamente inexistente, verificando que havia uma circulação restrita de poucas crianças na biblioteca da Escola Salesiana, cujo espaço é cedido esporadicamente pela bibliotecária para que as crianças assistissem filmes ou manuseassem os livros infantis.

A despeito das crianças pouco transitarem por aquele espaço, exceção que se faz a atividade da oratória<sup>14</sup>, havia uma situação em que, algumas poucas crianças, por iniciativa da bibliotecária Patrícia<sup>15</sup> - uma pessoa que trabalha na biblioteca há apenas um ano, com quem mantive contato e notei sensibilidade à demanda das crianças -, era permitida a entrada das

---

<sup>14</sup> A oratória consiste em uma atividade social com fins religiosos, promovida pela direção da Escola Salesiana, organizada sistematicamente aos domingos, geralmente no segundo semestre do ano, a fim de implementar ações solidárias como gincana solidária. O seu término culmina com as doações e distribuição de presentes na época das festas natalinas. Para que as famílias possam participar das ações solidárias organizadas pela coordenação da oratória, é necessário que as crianças sejam incentivadas pelos pais a frequentar as atividades de lazer e ensinamentos religiosos. O trabalho do grupo da oratória é um trabalho voluntário e está sob a coordenação de uma arquiteta chamada Thaís.

<sup>15</sup> Em seu depoimento Patrícia revela sua intenção: “quando os encontro na rua a caminho da escola, sempre os convido para passar comigo na biblioteca. A minha idéia é passar algum tipo de conhecimento a estas crianças que vivem por aí, que tem pouco acesso a informação...se a gente não fizer esse trabalho, quem vai fazer? Antes da minha vinda para cá, isso aqui não existia, os livros estava todos trancados e ninguém tinha acesso aos livros. O trabalho da bibliotecária se resumia em tirar xerox ou reparar crianças.”

crianças nas dependências da biblioteca, para que assim, pudessem manusear livros e assistir filmes<sup>16</sup>.

Para as crianças, o acesso ao Colégio do Carmo tornava-se às vezes constrangedor. Em um dos momentos de entrevista com Patrícia, pude perceber a porta da biblioteca abrindo-se devagar. Daniel, 9 anos, com sorriso aberto, espreitando pela porta entreaberta, procurava Patrícia para adentrar o local, quando, subitamente, o porteiro o arrancou pelo braço dizendo, “moleque sem camisa não entra aqui”. Imediatamente, Patrícia dirigiu-se ao porteiro, dizendo que ele poderia entrar, concordando que Daniel colocasse antes sua camisa. Momentos depois, Daniel, ainda um pouco constrangido, voltava com sua camisa de colégio puida e manchada, acompanhado de uma outra criança. Meio desconcertados, faziam qualquer negócio para assistir aos filmes. Registrei o momento na foto que confirma o modo como se portavam no interior da biblioteca, visualmente, com expressão bastante diferente da que, normalmente expressa, fora daquele ambiente. Optei assim, em prosseguir no encaixo das pegadas por onde brincavam as crianças.

Continuei, como estratégia de campo, seguindo as pegadas por onde as crianças brincavam no Porto, e notei que havia outros espaços restritos, também ocupados em razão de situações específicas no contexto em que as crianças vivem. Neste sentido, é ilustrativa a atitude marcada no depoimento de Cotinha, 14 anos, que mora com a família em uma das casas da “baixada”, nas proximidades do Beco. Em uma das visitas noturnas, deparava-me com um grupo de garotos que se organizavam para dormir em um dos barcos<sup>17</sup> atracados no Porto, um novo espaço no qual focava meu olhar.

A circulação das crianças também ocorre em outros espaços restritos e abertos, cujo uso está fortemente relacionado ao tipo de brincadeira que se propõem realizar. É o caso de

---

<sup>16</sup> Normalmente passava filmes do tipo documentário sobre o mundo animal. Thaís diz que de filmes, eles gostam muito dos que falam sobre macacos e insetos, e quanto aos livros, eles gostam muito de alguns que eu mesmo escolhi, que falam sobre amor, honestidade e cuidados de si.

uma área descampada, próxima ao Beco do Carmo, por onde se tem acesso ao trapiche de abastecimento que pertence ao posto de combustível administrado pelo Sr. Manuel<sup>18</sup>. Durante o período de junho a outubro de cada ano, as crianças reúnem-se com certa frequência para empinar pipas, uma brincadeira muito comum durante o período de diminuição das chuvas. Segundo as crianças, a pouca quantidade de fios de alta tensão no local – normalmente sustentados pelos postes de luz – contribuem para que, a brincadeira se dê naquele espaço.

As relações sociais diversificadas, evidenciadas na forma como as crianças estabelecem vínculos afetivos – numa troca constante e rica de experiência de vida -, a partir de suas necessidades, dá suporte às suas concepções de mundo, contextualizando suas próprias necessidades, comumente expressadas nas brincadeiras. Assim, brincar os coloca em um lugar no mundo

Dito de outro modo, os espaços por onde as crianças circulam no “Porto”, pressupõem um sistema no qual, as relações estabelecidas naquele espaço social, vai se configurando por meio de estratégias de relacionamento específicas, seja no convívio com as famílias - posto que, a maioria tem sempre uma referência familiar no Porto -, seja com os diversos grupos que se formam no sentido de ampliar suas relações, de brincar, ou de trocar favores, condição que possibilita fortalecer os laços sociais diante das situações pretendidas ou não, e inusitadas da casa ou da rua.

As estratégias de relacionamento das crianças nem sempre estão atreladas ao brincar com outras crianças nos espaços descritos. Muitas vezes estão intimamente ligadas às condições de vida familiar. Nesse sentido, o Beco do Carmo era ainda uma interrogação em minhas análises, e, constitui-se também, como local por onde transitavam as crianças, porém em momentos específicos do dia.

---

<sup>17</sup> Segundo Cotinha, o barco pertencia à empresa Cat Fish, cujo funcionário, vigilante do barco, era seu amigo. Dizia: “ele é bacana com a gente, e sempre que tem condição, ele nos deixa dormir lá”

## O Estranhamento no Beco

Registro assim, uma situação no *Beco*, que ocorre normalmente pela manhã, quando as mães armam suas barracas para venderem tapióquinha e café aos transeuntes locais. Durante a noite, o local é regulado pela dinâmica do movimento na Boate Fama, um local considerado inapropriado para as crianças, segundo seus próprios familiares.



Fotografia 6

Quase todas as manhãs, Suely, trinta anos, separada, mãe de três filhos: Robson de sete anos, Wellington de cinco anos e Valéria de dois anos<sup>19</sup>, arma sua pequena banca de tapióquinha<sup>20</sup> nas imediações do Beco. Logo cedo prefere estar na calçada da Igreja do Carmo e quando o sol vai esquentando, atravessa sua banca para o outro lado da rua, próximo à entrada da Boate Fama - que neste momento já está fechada depois do movimento noturno.

<sup>18</sup> Este é um dos três postos de combustíveis que atende aos barcos que aportam no Porto-do-Sal, informação obtida com Bosco, marido de Adriana.

<sup>19</sup> A mãe dizia que Wellington até hoje não falava nada, insinuando que o filho deveria ter algum problema. O garoto é sempre visto por mim, brincando na companhia de outras crianças. Às vezes percebo-o um pouco afastado dos outros garotos. A mãe confirmou que tem deficiência auditiva.

<sup>20</sup> A tapióquinha, também conhecida como beiju, é um tipo de alimento feito à base de farinha extraída da mandioca; é preparada em uma frigideira, na qual é aquecida ficando no formato de uma panqueca. Depois de pronta, adiciona-se manteiga a gosto, queijo, côco ralado ou qualquer outro tipo de recheio.

Suely mora no complexo das casas da “baixada”, situando-se sua casa nas proximidades da baía. Certo dia, passei pelo local, e tive que ter bastante cuidado por onde pisava, uma vez que as tábuas que compunham o piso, estavam soltas em sua maioria, e não oferecia segurança às pessoas. Quando a maré está na vazante, andamos sobre o tablado da “baixada” a uma altura de aproximadamente 5 metros do mangue que se forma no fundo da baía . Suely sai de casa bem cedo, antes mesmo dos filhos acordarem.

Nas ocasiões em que ficava sentado, tomando café com tapiquinha na banca da Suely, tive oportunidade de observar, a uma certa distância, uma pequena criança, de corpo franzino, despontando da “baixada”, tomando a rua à esquerda, e subindo em direção ao Beco. A criança caminhava sobre o chão de pedras da Pass. do Carmo, com passadas curtas. Ao deslocar-se de um pé ao outro, a criança projetava seu corpo, tentando encontrar uma melhor posição de equilíbrio para seu andar. Logo chegou junto à mãe Suely, que naquele momento, servia café a um outro cliente. Suely dirigiu-se a ela: “Já acordou minha filha? Espere um pouquinho que vou fazer o seu café”.

O modo pelo qual, a pequena Valéria, de apenas dois anos, deslocou-se de sua casa até o Beco, causou-me, naturalmente, um certo estranhamento. Perguntava-me, como uma criança, tão pequena, com o desenvolvimento motor<sup>21</sup> ainda em formação, poderia, precocemente, ter tanta autonomia ao deslocar-se sobre este trajeto. Um fato, que de certa maneira, oferecia a mim mesmo, algum tipo de risco acidental. Daí a pertinência de uma discussão mais aprofundada sobre a noção de risco sinalizada em minhas observações.

O que fica ilustrado na autonomia que percebo na disposição da pequena Valéria, é justamente o fato de ela estar sendo criada em um contexto social, próprio às condições de

---

<sup>21</sup> Minha percepção acerca das particularidades do desenvolvimento motor de Valéria, diz respeito aos meus conhecimentos pessoais enquanto Psicólogo, e respalda-se nos estudos que faço sobre o desenvolvimento infantil.

vida do Porto-do-Sal, sejam estas de ordem material, financeira, familiar, ou social mesmo. Condições que perpassam, sobretudo, pela dinâmica familiar, na qual há que se entender suas particularidades, uma vez que a atribuição de um pensamento hipotético sobre as nuances da vida familiar, nem sempre condiz com a realidade vivida do pesquisador.

Desse modo, ficou claro que as reflexões que eu fazia – talvez ingenuamente, mas com o sentido de buscar uma verdade científica para um fenômeno social surgido no campo, mesmo que escorregando na atribuição de um juízo crítico pessoal, de risco acidental àquela criança -, apontava-me questões que se confrontavam com minhas próprias concepções de vida, qual seja, o modo de se criar uma criança, que, portanto, naquele momento, escapavam de uma certa neutralidade e se colocavam em oposição à realidade com a qual eu me deparava.

Lembrando dos cuidados dedicados às crianças no seio de minha família, ocorreu-me que nesse contexto, as mulheres, mães de crianças pequenas, estavam sempre contando com a ajuda de outras pessoas para cuidar de seus filhos. Refiro-me aos cuidados com a higiene pessoal, o acordar, a alimentação, o banho, o vestir, e mesmo o atravessar uma rua, justamente algo que se assemelha à situação destacada na cena com a pequena Valéria, que sozinha, saiu de sua casa equilibrando-se nas tábuas soltas, das estivas do Porto, deslocou-se por uma certa distância, passando pela rua do Carmo, até chegar à sua mãe, que naquele momento vendia tapiquinha. Ressalto que a mãe de Valéria não manifestou qualquer preocupação com o fato de Valéria deslocar-se sozinha neste trajeto, restringindo-se a anunciar à criança que iria lhe servir café. Justamente algo que jamais ocorreria com as mulheres de minha família, que certamente, estariam, de algum modo, ajudando a criança a deslocar-se ou atravessar a rua, mesmo que, aparentemente, a criança não estivesse em situação de risco acidental.

Todos nós acabamos sendo em alguma medida, atravessados por um discurso que coloca a criança em posição de fragilidade ou de risco— situação esta, que se verifica no manejo de situações diárias que se diferenciam de acordo com a cultura onde está inserida a criança. Certamente uma forte razão para se pensar que, em muitas situações de campo, estamos sempre nos defrontando com o inusitado que nos obriga a refletir sobre o estranhamento no campo, condição esta que possibilita ao pesquisador pensar sobre seu próprio olhar sem que se sinta tomado por uma atitude de perplexidade diante das situações que estão na ordem do real.

Ademais, não se pode esquecer e tão pouco negar, que exista uma certa idéia de infância, sobretudo quando se pensa nos cuidados essenciais com a criança em desenvolvimento.

Para não cair nas armadilhas de uma visão embaçada sobre a realidade na qual as famílias criam suas crianças no Porto-do-Sal, proponho, a partir da etapa final do trabalho de campo, marcado pelo contato próximo com as famílias, a reflexão sobre os aspectos intrínsecos à vida familiar, cujos desdobramentos de análise, convergem sobre o modo de ser criança no Porto-do-Sal.

## CAPÍTULO II

### Retratos de Família

Retratar a vida familiar no Porto-do-Sal constitui-se como desafio de uma proposta de análise mais abrangente sobre o contexto social onde se inserem as crianças. Significa, também, poder traduzir em palavras as relações que se moldam em torno dos laços familiares, e dão sentido à vida das crianças que circulam naquele espaço.

Assim revela-se o retrato social da infância no Porto-do-Sal, emoldurado nas relações familiares, cujos valores, afetos e limitações acabam determinando um modo particular de existência humana.

No que diz respeito à dinâmica familiar, muitas das casas são organizadas segundo os parâmetros de uma configuração familiar que tem sua origem no interior como representante da família extensa solidária e sofreram algumas adaptações frente as novas demandas da cidade. Importa dizer que a vida das crianças está intimamente relacionada a este tipo de configuração familiar, como também, ao modo de transitarem, com uma certa alternância, entre o domínio da “casa” e o domínio da “rua”<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A compreensão do que se refere ao espaço da casa (da ordem do privado) e ao espaço da rua (da ordem do público), e seus aspectos dinâmico e complementar, é refletido na obra de Roberto Da Matta (1991). Porém, ressalta-se que a categoria “privacidade”, como é utilizada pelo autor, está muito mais relacionada à existência do indivíduo moderno no contexto das cidades, que, de certa forma, contrapõe-se aos grupos familiares solidários, posto que não reconhecem a condição de “privacidade” no mesmo sentido e que está centrada no indivíduo. DaMatta inspira-se na proposição de Gilberto Freire, em “Sobrados e Mucambos”, na qual o sobrado que representava o espaço da burguesia na formação das cidades estava em oposição às classes populares que se apropriavam da rua. Portanto, trata-se de uma oposição casa – rua essencialmente urbana. Em cidades como Belém, onde vem apresentando, nos últimos anos, intensos fluxos migratórios essa questão é ainda mais evidente. Desse modo, pode-se encontrar entre as famílias que habitam a cidade de Belém, a reprodução de uma série de configurações, que vão desde a organização rural até aquilo que está relacionado as configurações urbanas discutidas por autores como Zimmel e Weber.

Ainda que o mundo da “casa” e o mundo da “rua” sejam distintos em suas especificidades – a “casa”, representando o âmbito das relações familiares mais íntimas, e a “rua” marcada por relações constituídas na ordem de uma sociabilidade extensiva aos espaços públicos, a exemplo das brincadeiras na Praça do Carmo -, constata-se entre as crianças um certo deslizamento de sentido no que diz respeito ao modo de conceber os espaços da casa e da rua, sendo portanto frequentes as brincadeiras nos espaços comuns pertencentes ao conjunto da baixada, de forma que os espaços contíguos do conjunto de casas funcionem como extensão da própria casa que transborda no sentido da rua. Logo, é possível entender que nem tudo o que está relacionado à intimidade das famílias se passa somente *entre quatro paredes*. Por outro lado também se verifica o uso dos espaços públicos avançando sobre a própria casa, uma situação que se nota, sobretudo quando as crianças transitam livremente entre as casas dos vizinhos, inibindo desse modo uma condição de privacidade.

Desse modo, não há como fazer distinções entre tais mundos, que muitas vezes, dependendo das circunstâncias vividas pelas crianças, acabam sobrepondo-se, distanciando-se ou mesmo aproximando-se um do outro, havendo, portanto, situações concretas em que, algo que poderia se supor como sendo da ordem da intimidade em um determinado contexto social, é vivenciado em comum na ordem de um espaço público.

É ilustrativa dessa situação a cena que descrevo a seguir. No corredor de entrada da “baixada”, observo quatro homens em clima de descontração, sentados em torno de uma mesa repleta de cervejas. A luz enfraquecida do final da tarde no interior do conjunto de casas reflete nas garrafas de vidro já vazias, os rostos cansados e encharcados de bebida. Todos, burburinhando sobre o show da Banda Calipso<sup>3</sup> que naquele momento era reproduzido em *vídeo*, em uma televisão acomodada no próprio corredor. As crianças que transitavam nas

proximidades da mesa e acompanhavam-me solicitando que as fotografasse, não eram praticamente percebidas pelos homens que bebiam .



Fotografia 7

A observação de campo, que, no início da pesquisa, vinha sendo focada somente nas crianças – mais especificamente por onde elas circulavam e ou brincavam -, foi direcionada, também, para a apreensão de uma realidade, na qual se desenhavam os contornos da família. O desafio para esta etapa da pesquisa seria, portanto, a conciliação dos dados descritivos do mundo da *casa* e do mundo da *rua* de tal forma que pudessem resultar em um retrato mais abrangente sobre a vida das crianças no Porto-do-Sal.

Na medida em que eu estabelecia contato mais próximo com as famílias, refletia sobre os aspectos que eu considerava relevantes para destacar em uma análise preliminar. Eu sabia apenas que na “baixada”, havia cerca de cem famílias ali morando, a maior parte delas vinculadas às crianças com quem eu havia mantido contato na Praça do Carmo . Portanto,

---

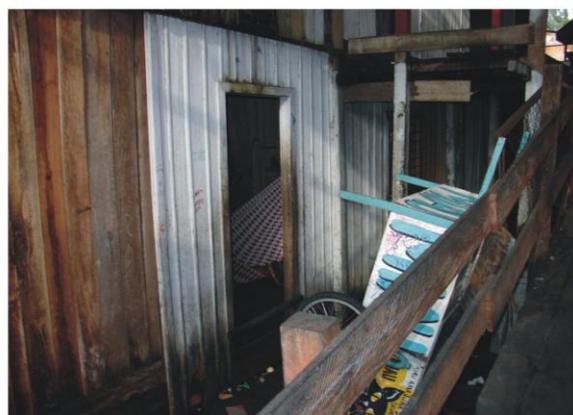
<sup>3</sup> A Banda Calypso é um grupo musical que reproduz um estilo de música conhecido como “brega”, com forte receptividade entre as camadas populares. Atualmente a Banda vem fazendo muito sucesso em todo Brasil.

era necessário entender como essas famílias viviam a partir de seu lugar de origem, localização, condições de moradia, tipos de famílias - dados fundamentais para que eu entendesse a dinâmica da vida familiar dessas crianças -, e a partir daí fazer uma análise interpretativa mais coerente com a realidade sócio-cultural que se apresenta no Porto em torno das crianças - pertinente à organização familiar na sua perspectiva afetiva e simbólica.

No Porto-do-Sal, as famílias, de um modo geral, são provenientes de cidades portuárias da região de Abaetetuba; sendo que a maioria chegou em Belém ainda durante o processo de ocupação da área do antigo Porto do Arapari, atualmente conhecida como *baixada*, local onde foram erguidas as casas em madeira do tipo palafitas. Assim, com relação às condições de vida no local, é evidente a carência de infra-estrutura material, posto que não existe sistema de esgoto ou saneamento adequados. Ademais, o fornecimento de energia elétrica é, muitas vezes, interrompido pela rede de fornecimento local, em decorrência da falta de pagamento das taxas de luz, pelos moradores do lugar; o quê os leva, algumas vezes, a religar a energia por conta própria, diretamente nos postes de luz.



Fotografia 8



Fotografia 9

Outro aspecto a destacar diz respeito à disposição desordenada das casas no complexo da baixada, e, aliado a isso, essas construções de um único compartimento abrigam famílias inteiras.

A família de Dorilene composta da mãe, de seis irmãos, e outras quatro crianças, todos vindos de Cameté há seis anos, moram em uma única casa de dois compartimentos. Uma parte da família dorme no primeiro compartimento e a outra parte da família dorme no segundo compartimento, cada um no seu horário. As crianças dormem mais cedo e Dorilene diz “eu sou a última a dormir”. Ao perguntar a ela como eles organizavam-se em um espaço, aparentemente tão pequeno, ela responde sem hesitação:

“normal, a gente se organiza assim... quando um compra uma coisa a outra compra outra, entendeu? Se caso um tem...condição compra uma televisão, aí vem o outro já compra uma geladeira e todo mundo se serve das mesmas coisas, entendeu, ali dentro de casa? E na hora de organizar, a gente se organizava, porque graças a Deus todo mundo sempre foi muito unido. A gente nunca teve desavenças aqui dentro de casa, irmão com irmão, mãe com filho, isso nunca aconteceu”

Esse fato denota uma vivência familiar com poucos recursos materiais, que de certo modo, leva-nos a refletir sobre o fato de estarmos investigando um universo de famílias pertencentes às camadas populares, cujas necessidades e demandas são satisfeitas de acordo com interesses imediatos.

### **As famílias (des) estruturadas da baixada?**

Considerando o conceito de família que mais se ajusta ao local, pensei então, nas questões abordadas por Claudia Fonseca (1999), acerca do formato de famílias

“desestruturadas”, possíveis de se articular com a realidade do Porto, uma vez que, a pesquisa se dá em um contexto de visível carência material<sup>4</sup>.

A autora parte da premissa de que a situação do abandono de crianças estaria vinculada a uma desordem no âmbito das famílias, desordem esta, que por sua vez, estaria remetendo ao contexto social de famílias carentes. Esta tese é, pela própria autora contestada, posto que, a condição de família nessas condições não estabelece, necessariamente, uma relação de causa e efeito entre abandono e desestrutura familiar.

Esta posição central do debate, desdobra-se numa outra questão: qual o conceito de família desestruturada? É possível pensar que as famílias às quais me reporto são desestruturadas? Ou seria mais coerente pensá-las a partir do contexto em que estão inseridas, sem portanto, concebê-las sob o critério de família estruturada ou desestruturada?

De fato, verifica-se hoje, um número crescente de famílias que se articulam em diferentes configurações. Os arranjos de convivência são concebidos de acordo com os papéis desempenhados por seus membros, e, estão sempre, em constantes transformações.

São ilustrativos deste fenômeno as transformações ocorridas no modelo familiar patriarcal<sup>5</sup>, vigente entre as famílias extensivas do nordeste, no qual o pai era a figura central e a quem correspondia toda a autoridade da família, sendo a mulher colocada, freqüentemente, em posição de submissão em relação ao marido. Com as transformações sociais ocorridas no Brasil nas últimas décadas, a mulher passou a desempenhar novas funções em casa com maior autonomia sobre as questões ocorridas no âmbito familiar, fato que se nota, também, entre as famílias do Porto-do-Sal às quais estão vinculadas as crianças.

---

<sup>4</sup> Cláudia Fonseca (1999) reflete sobre a imagem da família desestruturada, apontando como suposta causa do “evidente” problema do abandono, a “moradia deplorável, a prolicidade insistente, os des e re-casamentos, o emprego irregular”(p. 256)

<sup>5</sup> Sobre esta matéria é digno de nota a obra de Gilberto Freyre, Casa-Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Nesse sentido, a família de Dorilene nos apresenta um arranjo familiar bem particular daquele contexto. Como os homens da casa estão ausentes - uma vez que na maioria das famílias em razão de trabalharem com a atividade da pesca que os obriga a passar muito tempo nas águas exercendo seus ofícios -, todas as atividades da casa estão vinculadas à mãe e a própria Dorilene na condição de filha mais velha. Esporadicamente, o marido de Dorilene e o marido de sua irmã Joelma (18 anos) retornam para casa, passando uma ou duas semanas e em seguida retornam novamente para a pesca.

Isso quer dizer que padrão de família é uma construção social - ao qual atribui-se, de acordo com o contexto a que nos referimos, novos valores, conceitos ou representações. Daí a pertinência da contextualização das famílias a despeito de concebê-las como modelos pré-definidos no que diz respeito aos arranjos familiares. Portanto, é no mínimo precipitado atribuir à família de Dorilene o conceito de família desestruturada.

Justamente para não cair nas armadilhas conceituais, sobre uma família que se supõe “desestruturada”, frequentemente ratificada no discurso do senso comum sobre a infância pobre, é importante analisar, o modo singular como as famílias se organizam no espaço do Porto, e a partir daí, compreender seus efeitos sobre as crianças, no sentido de perceber como elas expressam seu auto-reconhecimento na vida familiar.

Com efeito, ao iniciar minhas idas a campo<sup>6</sup>, defrontei-me com crianças que, eu suponha, eram desamparadas socialmente; que estavam ali, com o intuito de estarem se protegendo dos efeitos desta condição. Chegava a pensar: “as famílias não as acolhem. Por esta razão, resta-lhes, lamentavelmente, a convivência ao léu, com outras crianças na rua”. Demorou certo tempo, para que me desse conta de que, aquelas crianças, encontravam nas suas famílias, uma espécie de *porto*, por onde ancoravam suas representações de vida, do qual

---

<sup>6</sup> Mais precisamente, meu trabalho de campo iniciou-se em 20 de junho de 2004.

constituíam suas primeiras referências de identidade, não havendo, portanto, dúvidas de que meu trabalho deveria estender-se ao domínio das famílias com as quais pretendia aproximar-me.

### **A aproximação com as famílias**

A busca de uma aproximação com as famílias das crianças que encontrava brincando *na rua*, colocava-me diante de uma situação complexa. Com efeito, de modo geral as poucas mães com quem inicialmente tive oportunidade de conversar, respondiam-me lacônicamente, eram econômicas com as palavras e nitidamente indisponíveis para um diálogo mais alongado. Em outros casos, notava um discurso pronto, dirigido a mim como interlocutor de reivindicações assistenciais.

O sentimento de não estar sendo plenamente aceito pelas famílias me instigava na busca de uma nova estratégia de inserção no campo, embora percebesse que as crianças ajudavam criando situações favoráveis para esta aproximação. Cabe ilustrá-las com o registro das fotos<sup>7</sup>, posteriormente reveladas e apresentadas a algumas das crianças, as quais pude perceber refletindo em seus rostos o semblante de euforia quando se confrontavam com a própria imagem. Nestes momentos, as mães eram por eles convocadas a ver as fotos, quando sempre expressavam um sorriso de gratidão. As situações de campo criadas em torno do interesse pela fotografia, favoreceu um espaço de comunicação, que seria então, fundamental para a aproximação com as crianças e suas famílias.

Percebia que meu trabalho fluía melhor quando era aceito na intimidade das casas, ponto fundamental para avançar na pesquisa e entender como as famílias se organizavam,

---

<sup>7</sup> Durante todo o trabalho de campo, a entrega de fotos às crianças, fazia parte de uma condição de troca para uma aproximação que se fazia necessária no contato com as crianças, método amplamente tratado na Introdução.

expressavam sua afetividade, e procediam cuidados gerais em torno das crianças. Tudo que indicasse efetivamente a importância das famílias na vida das crianças, passaria a traduzir aspectos essenciais, objeto de minhas investigações no campo.



Fotografia 10

Acreditava na possibilidade de estabelecer uma relação intersubjetiva<sup>8</sup> com meus informantes, logo precisava encontrar um caminho que me colocasse em contato próximo com estas famílias, abrindo a possibilidade para convivência e circulação de afetividades.

Diante do impasse nas dificuldades em acessar as famílias, mudei de atitude no trabalho de campo. A partir de uma conversa mantida com Adriana<sup>9</sup>, passei a mapear os pontos de vendas da Rua do Carmo, intuindo que, de algum modo, chegaria às famílias, posto

---

<sup>8</sup> Refiro-me ao tema da relação intersubjetiva amparando-me na reflexão de Ruth Cadoso, na qual afirma que “a relação intersubjetiva não é o encontro de indivíduos autônomos e auto-suficientes. É uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem um movimento de aproximação que se pode desvendar sentidos ocultos e explicitar relações desconhecidas”, sendo “o encontro com desconhecidos, com que se pode cultivar uma relação de alteridade, é que permite conhecer o modo de operar de sistemas simbólicos diversos que são postos em movimento por esta interlocução”(Idem,103).

que a maioria dos negócios próximo à “baixada”, são geridos por famílias que ali moram, acreditando haver, portanto, melhores condições para indagar-los sobre as questões que se articulam com a rotina das crianças.

O contato com as famílias, possibilitou-me ampliar o olhar sobre a realidade das crianças no porto. Porém, como já dito anteriormente, isso transcorreu através de um processo difícil e prolongado, visto que o contato com uma parte da intimidade destas famílias, somente ocorreu depois de um ano de visitas freqüentes ao Porto, como também, depois de varias tentativas de aproximação. Desse modo, foi necessário aguardar com certa flutuação em minhas expectativas, os momentos oportunos para estabelecer um contato mais próximo com cada uma delas. Daí a condição de viver um processo no qual, gradativamente, aproximei-me de quatro famílias conhecidas em condições circunstanciais bem diferenciadas umas das outras, na medida em que, paralelamente, mantinha a aproximação com as crianças. Dentre as famílias com as quais mantive contato, ressalto que tive melhores condições de aproximação com a família de Dorilene (27 anos), a qual demonstrou muita receptividade ao meu contato, permitindo inclusive que eu fotografasse a intimidade de sua casa.

Ao entrar na casa de Dorilene pude perceber nos dois compartimentos - do tamanho de quartos - de sua casa pouca ornamentação nas paredes e pouca coisa disposta no chão. A maior visibilidade ficava por conta das pequenas peças de roupas, que, normalmente, ficavam estendidas em cordões, dobradas e atadas, de jeito a não caírem. A casa é alugada de uma pessoa de nome Adalberto Sá, o proprietário de quase todas as casas daquele conjunto de casas e irmão do proprietário da Boate Fama. Para morar na casa, a família de Dorilene paga oitenta reais. Conforme seu depoimento o dinheiro é rateado da seguinte maneira:

---

<sup>9</sup> Adriana é uma líder comunitária, já apresentada no capítulo I, que desde o início da pesquisa vem me auxiliando com algumas informações. Esta conversa com ela foi mantida em 05 de agosto de 2005.

“Esse mês era eu, no outro mês era a minha irmã, no outro mês é minha outra irmã, tem uma irmã que não mora em casa [trata-se da irmã que atualmente está trabalhando] mas ela paga pela minha mãe. No meu caso quem pagava era o meu marido, que sempre teve trabalho, ele trabalha em pesca ele é pescador e ele sempre me ajuda.”

Dorilene fala sem lamentações acerca de suas condições de moradia. Mas refere-se ao problema da água dizendo:

“Fui eu mesmo, que quis ligar a água só para mim [na Cosanpa], antes eles jogavam água e estragava muita água, porque vinha um cano daqui de trás e ia um cano para lá, que jogava água pra todo mundo. Deixavam esse cano lá solto e ai tinha que viver ligando, altas horas da noite e ai não tinha como, não tinha condições e ai eu peguei e pedi para fazerem a minha ligação, é sete reais e cinquenta centavos que a gente paga. Antes a água tava inclusa no preço do aluguel. A luz nós não pagamos, eu acho que vai pra lá.”



Fotografia 11



Fotografia 12



Fotografia 13



Fotografia 14

### **Encontrando os meninos na rua**

As constatações que eu fazia a respeito das condições das crianças que encontrava fora de suas casas, normalmente brincando na rua, na Praça do Carmo, ou em outros espaços do Porto-do-Sal, as quais mantinham indiscutível ligação com suas famílias, instigou-me a percorrer a literatura<sup>10</sup> que versava sobre a infância carente, pobre – referente às condições de menino de rua -, a fim de que pudesse, a partir daí, amparar minhas reflexões sobre esta questão fundamental: a família.

Ao pensar a vida familiar no Porto, mais especificamente entre as famílias que habitam a área da “baixada”, devo admitir que, desde o início do trabalho de campo, algo me inquietava: que tipo de crianças encontraria naquele contexto urbano? Minhas reflexões, ainda prematuras, apontavam respostas que me faziam acreditar que a maior parte das crianças no Porto, pertencia ao universo de “crianças de rua”, visto que, as percebia desatreladas de qualquer vínculo familiar. Ao prosseguir no trabalho de campo, percebi que estava diante de uma outra realidade, a de crianças inseridas em contextos familiares significativos para elas, razão pela qual, de um modo geral, atribuo-lhes o conceito de “meninos na rua”, em oposição à expressão “meninos de rua”. Esses “meninos na rua”, apropriam-se do espaço da rua como se assim, fosse sua própria casa. Estão relacionados a uma indiferenciação da casa e seu prolongamento: a rua.

Na maioria dos trabalhos concernentes à literatura pesquisada, a categoria “meninos de rua” é utilizada de forma ainda muito imprecisa. Os trabalhos que abordam essa temática, são voltados para a legislação específica sobre a infância e para a intervenção de órgãos de assistência social. Esta é a razão pelo qual proponho uma discussão mais ampla, para que desse modo possamos restituir a verdadeira acepção do termo *meninos de rua*, sendo possível

entender o significado às famílias com seus meninos, do que representa ficar “na rua”. Nesse sentido, chamar as crianças que brincam na rua como crianças de rua, simplesmente porque elas fazem da rua o seu local de brincadeiras, ou ainda rotular as crianças do Porto-do-Sal ou qualquer criança pobre que se vê brincando na rua, como menino de rua, é no mínimo precipitado e inadequado, posto que se faz necessário a devida contextualização do modo como as crianças se inserem na vida social<sup>11</sup>.

No caso das crianças do Porto, é ainda mais evidente essa condição, e as constatações feitas durante o trabalho de campo corroboram nesse sentido, pois, todas as crianças, de um modo geral, mantêm com as famílias relações de ampla afetividade. E mesmo naqueles contextos afastados da vida familiar, ilustrado no trabalho de Xavier (1998), as pessoas preservam algo, mesmo que sejam contatos esporádicos, com o mundo de casa – o que as mantém, quase sempre, em sintonia com os laços familiares.

Ainda sobre esse tema, na análise sobre os “Projetos de apoio ao ‘menor de rua’ e ‘menor na rua’ na cidade de São Paulo”, Zaluar (1994) oferece-nos um recorte conceitual, no qual problematiza a dicotomia “menor de rua” e “menor na rua”, o que certamente, ajuda-nos a compreender melhor a realidade das crianças com as quais desenvolve-se a pesquisa.

Segundo a autora, a categoria ‘menor carente ou em situação de risco’<sup>12</sup> sugere que se pense uma disposição, na qual, a condição de ‘menor de rua’ ou ‘menor na rua’, remeta-nos aos critérios de presença ou ausência de vínculos familiares.

Para a autora, ‘meninos de rua’, são crianças que vivem aleatoriamente pelas ruas, geralmente afetadas por conflitos, rompimentos ou abandonos com a própria família. Trata-se,

---

<sup>10</sup> Merecem destaque os trabalhos de Rosilene Alvim, Zaluar, e Cláudia Fonseca, dentre os quais alguns são citados neste trabalho.

<sup>11</sup> Convém entender o conceito de “desafiliação” proposto por Robert Castel, em *Metamorfose da vida social*, no qual alude a dificuldade em ocorrer a perda de todos os laços familiares, ou melhor, a desafiliação.

mais especificamente, das “crianças e adolescentes que já vivem na rua, evadidos da escola e/ou afastados de suas famílias, encontrando-se em situação de marginalidade diante escola e/ou da família”. De outro modo, os ‘meninos na rua’, constituem-se como crianças que passam a maior parte do seu tempo na rua, transitando entre os espaços públicos em razão de trabalho ou de atividades lúdicas, porém retornando para pernoitar junto à família, com quem possuem laços familiares estáveis e que, “em bom número, mal ou bem, ainda frequentam a escola”.

### **A organização familiar em torno do trabalho**

Entre as quatro famílias visitadas, mantive contato apenas com as mães, sendo notado que todas elas, correspondiam à condição de uma estrutura “matrifocal”<sup>13</sup> Os pais não estavam presentes, visto que, constantemente, encontravam-se envolvidos com a atividade do trabalho, a maioria na pesca e, um deles na construção civil trabalhando longe de casa.

Ocorre que, sem intenção prévia, acabei me deparando com a organização familiar singular, a qual situava o trabalho como meio de subsistência e de ordenação das funções parentais, motivo suficiente para eu refletir sobre as questões relacionadas ao trabalho, atrelado à organização familiar.

As mulheres reconhecem que a necessária divisão no trabalho, não significa prescindir dos maridos. Muito pelo contrário, acabam por assumir posições de frente na gestão da economia familiar, justamente para manter atualizada a estrutura familiar. É justamente o que se vê entre as mulheres casadas da família de Dorilene. Mesmo que as mulheres tenham que

---

<sup>12</sup> Segundo os estudos de Zaluar, a categoria ‘menor infrator’ foi substituída pelo conceito jurídico de ‘menor em conflito com a justiça’, derivando daí a pertinência do estudo em torno do ‘menor carente ou em situação de risco’.

<sup>13</sup> O caráter matrifocal é destacado por Delma Neves (1983) com o intuito de analisar a forma – transitória ou não – da distribuição das atividades da casa, centralizadas nas mãos das mães, que viriam a acumular algumas das funções do marido ausente em função das condições da família.

assumir a casa quase sempre sem o auxílio dos maridos, elas não deixam de reconhecer nas entrelinhas de seu discurso, a fundamental posição destes, seja com a ajuda financeira oriunda do trabalho com a pesca, ou mesmo pela própria condição de homem garantindo em muitas situações uma imagem de proteção à família. Em outras palavras, as mães reinventam a própria subsistência com a finalidade de manter o valor simbólico de suas relações, mesmo que haja o custo da intensificação das crises, em face do poder paterno que se esvai.

No dizer de Delma, “A unidade matrifocal se apresenta assim como uma reordenação dos papéis do casal em virtude da impossibilidade do marido trabalhador...conseguir reproduzir a família nos níveis culturais definidos pelo grupo”. Quer dizer que do lado da razão econômica sobressai o sentido do valor simbólico nas relações<sup>14</sup>.



Fotografia 15

As famílias são constantemente influenciadas por fatores de ordem externa, havendo, portanto, necessidade de se adaptarem a um conjunto de situações que provoca um

---

<sup>14</sup> Ao estudar o caráter matrifocal Delma Neves (1983) diz que “certas famílias nucleares apresentam está diretamente ligado à compreensão das estratégias e padrões de sobrevivência de unidades familiares, cuja reprodução física e social se realiza sob frequentes crises, em face das constantes situações de desemprego e da insuficiência e irregularidade do salário do marido” (p. 199)

reordenamento na sua estrutura. Nesse sentido, observa-se com uma certa frequência famílias que se constituem apenas com a presença das mães e dos filhos advindos de relações sucessivas com vários companheiros, agregando-se, muitas vezes, a outras unidades de constituição familiar e outro tipo de arranjo. Justamente o que encontrei ao visitar a família de Jô, mãe de Rose e Rosenira, as quais habitam juntas com outros membros da mesma família – filhos, filhas, genros e noras de Jô com seus respectivos filhos - duas casas geminadas, cujos espaços são compartilhados por todos, constituindo assim uma única referência familiar.

Em uma das situações em que visitei estas duas famílias, a paisagem era de uma bela tarde, com o sol se pondo no horizonte semi encoberto pelos telhados das casas da “baixada”, Rose e Rosenira organizavam o banho das crianças menores, que retornavam sujas e suadas das brincadeiras da tarde. Verifiquei que todos os filhos, já com idade acima de 4 anos, tomam seus banhos sozinhos, demonstrando terem bastante autonomia em sua higiene pessoal. Durante esse momento, não se ouvia choro ou qualquer atitude de irritação por parte das crianças. Ademais, Rose sempre pontuava em seu discurso, a idéia geral de que os filhos, na sua família, são criados com base na compreensão de que precisam *se virar*, desde muito cedo na vida.

A este propósito, pude observar que as crianças bem pequenas – as crianças com menos de três anos – estão sempre ao lado da mãe, ou da avó, ou de quem os cuidam naquele momento. É muito comum vê-las sob os cuidados das avós que, geralmente, ajudam nos cuidados dos netos para que as mães possam sair para trabalhar.

Durante uma das visitas à casa de Dorilene, diz que o filho se afasta para brincar, “mas de vez em quando corre pra me dar um beijo”. Atitudes como estas nos fazem entender como as famílias se relacionam com as crianças e por outro lado, se verifica como as crianças

respondem aos apelos afetivos dos adultos, sobretudo as mães, quando imbuídas da função de cuidar de seus filhos.

Em muitas casas, na porta principal, são colocadas, três ripas de madeiras, dispostas a uma altura de trinta centímetros do chão, com o intuito de não permitir a saída dos filhos menores para a área externa, sem que haja uma pessoa adulta os acompanhando.

Sobre este cuidado, Dorilene diz, em tom jocoso, que seu pequeno filho Marcelo de um ano e sete meses, algumas vezes, tem o costume de fugir por cima da cerquinha. Ela diz:

“acontee que ele fica choramingando para sair de casa. O irmão mais velho Marcos (5 anos) fica com pena, carrega ele por cima da cerca, quando eu vejo ele já está aqui no beco defronte a barraca de açai dançando [ela diz que é costume das pessoas ali, bater o açai ouvindo uma musiquinha]. Eu fico com medo que um carro passe por cima dele. Isso, é quase todos os dias a mesma coisa”

Dorilene expressa sua preocupação com o filho referindo-se a um fato ocorrido com seu filho mais velho, Marcos Vinícius, de quatro anos. Ela falava de um fato ocorrido no segundo ano de vida do filho: “ele caiu na maré, e por sorte não se afogou... depois disso, resolvi mudar para uma casa que ficasse mais distante de onde chega a água”. Outra mãe revela acontecimento do mesmo tipo, e julga não ser muito comum, “acontecer isso por ali”; D. Arcângela diz: “o Daniel também se afogou ali, ele estava brincando com um brinquedo que caiu na maré. Ele foi atrás, quando eu vi ele já estava se segurando no esteio, assim, com o olho arregalado”.

Nas primeiras indagações sobre os motivos que os vinculavam àquele espaço, pude compreender que todos apresentavam razões financeiras como justificativa plausível. Rosenira diz que não tem como pagar nem água nem luz, embora receba frequentemente as contas mensais e insinua que, quanto a isso, não se preocupa, pois as poucas vezes que tiveram o fornecimento de luz cortado, eles mesmos a religaram, “eles dão um jeitinho de

religar”. Dorilene apresenta outra razão, diz que ali todos se conhecem, “nós conhecemos todos os que moram aqui e isso nos ajuda, se aparece alguém de fora, a gente já sabe que não é daqui”.

As casas na “baixada” organizam-se por meio de uma intensa e visível economia de subsistência, nas quais as pessoas, de forma restrita, acumulam pequenas quantias que os ajudam no sustento diário da família. Muitas vezes, a venda de alguns bombons e cigarros num final de tarde já é suficiente para a improvisação do almoço no dia seguinte.

A presença das vendas, fonte de renda para uma boa parte das famílias estabelecidas na “baixada”, são essenciais ao seu sustento. Trata-se de bares, mercadinhos, bancas de venda de cigarros e bombons, de churrasquinhos, venda de açaí, “tapioquinhas”, sopas e mingau; tudo faz parte da dinâmica sócio-econômica local e tem nas famílias suas unidades de trabalho<sup>15</sup>. Daí se verifica que a economia doméstica está a todo momento se misturando com as relações afetivas, como se trabalho e família fossem as duas faces de uma mesma moeda, e passam a ordenar, como veremos a seguir, as regras de convivência naquele contexto urbano.

Em certo momento, durante o trabalho de campo, estava conversando com Rose (27 anos) e Rosenira (33 anos), ambas filhas da D.Jô, uma comerciante muito conhecida, proprietária de um pequeno bar na subida da Rua do Carmo, próximo ao Beco do Carmo. Momentos depois, chega Ravel (8 anos), filho de Rose, retornando do Colégio General Gurjão, onde estuda. Entrega o caderno para a mãe, que logo lhe pede para comprar cigarros da marca Derby a fim de abastecer a pequena banca de bombons e cigarros, que ajuda no sustento da família. Um dos filhos adolescentes de Rosenira, Edilson (13 anos), aproxima-se, encostando sua bicicleta no meio fio, e com a ajuda de um outro colega, carrega a banca para

---

<sup>15</sup> Segundo Chiara Saraceno (1997), família é “é também o espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres, ainda que isso assuma formas diversas nas várias sociedades”

o outro lado da rua deixando-a em posição de destaque. Essa é uma cena que se repete, cotidianamente, na vida daquela família.

Os negócios possuem características de pequenas vendas, as quais são geridas pelas famílias com rigor obsessivo, onde cada centavo poupado, é rigorosamente controlado. As crianças acabam assimilando tais condições, o quê, de uma forma ou de outra, as coloca diante de vários impasses.

### **Os efeitos da dinâmica familiar entre as crianças**

A vida condicionada ao curso do trabalho entre as famílias, implicada na determinação de um modo particular de gestão de seus recursos financeiros, criam situações adversas também para as crianças, colocando-as diante das situações inusitadas da vida cotidiana, cujos momentos, as crianças respondem, muitas vezes, com apelos dramáticos.

Na fala angustiada de Romário, ilustramos uma destas situações quando recorreu a mim, certa vez, para colocar seu dilema. Eu estava sentado em um dos bancos da Praça do Carmo, fazendo algumas anotações no caderno de campo quando ele se aproximou e disse sem rodeios, chorando: “tio, minha mãe disse que queimaria minha mão no fogão se eu voltar sem os dois reais que sumiu de casa...e ela acha que fui eu que peguei”. Quando eu perguntei porque ela pensava assim, ele explicou: “não tinha ninguém na casa e tinha dois reais na lata na cozinha...ela saiu e quando ela voltou, o dinheiro não tava mais lá”. Daí, ela disse pra eu trazer o dinheiro. E continuou sua fala: “eu já consegui um real...só falta mais um. Eu não posso ir pra casa senão ela vai queimar minha mão no fogão...e ela faz mesmo...ela já fez isso uma vez”, e chorava enquanto falava.

Eu não tinha como contestar o apelo dramático daquela situação concreta. Tal fato fez-me refletir sobre o que era importante àquela criança naquele momento. Entendi que o que

estava me sendo dito, daquela maneira tão contundente, revelava o peso de uma situação carregada de valores morais implicada no modo rígido imposto pela mãe ao tratar o assunto, a ponto de gerar uma situação conflituosa marcada pela iminência de um prejuízo de caráter físico à criança sob a ameaça de queimar sua mão. Romário também dá pistas da ocorrência de castigos severos por parte de alguns familiares.

O relato de Romário temendo o que podia lhe acontecer, aponta para o fato da existência de uma outra situação demarcando na família, o caráter disciplinar na atitude de sua mãe, havendo, portanto, regras de convivência que são rígidas e muito bem estabelecidas.

A partir desta ilustração, remeto-me a outra situação envolvendo outra criança, ocorrida também na Praça do Carmo. Dessa vez, o fato ocorreu por volta das onze horas da noite. Um dos garotos que estava brincando de bola foi duramente chamado pelo pai, mandando-o ir para a casa imediatamente. Segurou-o pelo braço e conduziu-o com rispidez, rumo à sua casa. Aparentemente uma atitude comum de um pai que se preocupava com seu filho. Algo que esclarece um aspecto fundamental de minhas análises, indica como as famílias, às quais me reporto, se relacionam com as crianças, estabelecendo seus limites que, de certa forma, se reproduzem em outros locais, uma vez que a noção de limite estende-se a outros padrões de comportamento da vida social.

Portanto, não se trata aqui, de categorizar o tipo de afeto - se está na posição de positivo ou negativo -, senão constatar o fato comum entre os dois casos relatados, de uma forte aproximação das crianças com suas famílias e de uma clara noção de limite, expresso na forma de imposição de comportamento, fazendo valer um padrão disciplinar.

### **No ritmo da vida noturna**

O ritmo das famílias é regulado pela efervescência da vida noturna. Segundo comentário de Rosilene, às dezoito horas, impreterivelmente, o som da “Boate Fama” e de outros bares próximos, começa a se espalhar na área. As crianças, a maioria de banho tomado, colocam-se a olhar o movimento, intensificado, das pessoas que circulam na noite. Além da banca de bombons e cigarros das duas irmãs, vários outros pequenos negócios informais acabam acontecendo em função do mesmo fenômeno: a vida noturna.

A vida social no local se desenrola marcada por situações que condicionam a rotina diária daquelas famílias, na qual a organização do tempo obedece a outros critérios. De uma maneira geral, as crianças do Porto dormem tarde, – em torno das onze horas da noite –, justamente porque os bares e boates, abertos de segunda a sexta-feira, abrem a partir das dezoito horas, estendendo suas atividades até o início da madrugada. O som alto sinaliza que o movimento noturno está ainda acontecendo.

Embora as famílias já se organizem em função desta rotina – sobretudo em razão das atividades noturnas que os auxiliam na renda da família -, muitas mães ainda reclamam ou desaprovam o fato das crianças dormirem tarde; “acabam presenciando os gritos, as brigas e as bandalheiras”, diz Eleonor<sup>16</sup>.

Como já dito anteriormente, entrar na intimidade das famílias, exigiu-me adotar cuidados particulares, permitindo-me avançar ou recuar de acordo com as situações vivenciadas no campo. Assim ocorreu durante a visita à casa de Dorilene, 27 anos, moradora de uma das casas da baixada . Quando cheguei, por volta das cinco horas da tarde, senti um

---

<sup>16</sup> Em outro depoimento Eleonor diz: “Lá no Esteira, corre muita coisa lá ...é muita perturbação...a gente dorme porque já se acostumou com o barulho”. Sobre a criação dos pais diz que “é uma lástima...eu tenho muita dor para o que eu vejo...as crianças são deixadas em casa, a mãe sai para rua e não tem com quem deixar”. É importante ressaltar que nas quatro casas visitadas as mães ou avós, naturalmente, expressavam-se com bastante afetividade, não sendo constado por mim qualquer indício de maus tratos. Segundo eles, isso ocorria somente em outras famílias.

certo constrangimento quando vi que todos estavam dormindo: em uma das extremidades do quarto havia duas pessoas adultas dormindo em uma cama; em cima da cama, havia uma rede onde dormia uma criança; também se viam outras duas redes, uma armada no centro do pequeno quarto, e outra onde estava dormindo uma criança; no lado esquerdo do mesmo quarto, perto da porta onde me localizava, estava a rede em que dormia Dorilene e seu filho caçula Marcelo Victor, de um ano, colado a seu ventre. De certa forma, não deveria causar-me surpresa, pois a maioria das famílias que ocupam as casas, permanecem, constantemente, dia ou noite, com as suas portas abertas. Logo, naquele momento, achei que deveria apenas agendar um outro horário para a visita, e Dorilene, com muita naturalidade, consentiu que viesse mais tarde.

Ao retornar à casa de Dorilene, uma hora depois, encontrei um outro cenário, bem diferente daquele descrito anteriormente: as crianças estavam circulando na casa, um deles comendo um pequeno saco de “cheetos<sup>17</sup>”; a televisão ligada exibindo a novela “Alma Gêmea”, - veiculada pela Rede Globo às 18:00 -, tomava a atenção dos adultos presentes naquele compartimento da casa. Dorilene permitiu-me que fotografasse sua casa, mostrando ainda um segundo aposento, no qual funcionava a cozinha, que também se conectava um pequeno banheiro, onde se percebia na janela dos fundos a adaptação de uma pia.

Deve-se ressaltar que, desde bebês, as crianças já estão plenamente inseridas no modo de vida das famílias. Assim que começam a andar, algumas crianças se deslocam com autonomia, equilibrando-se nas tábuas soltas na área da “baixada”. Os partos são feitos, na sua maioria, dentro das próprias casas, com a ajuda de parteiras<sup>18</sup>, e a amamentação obedece critérios variados. Os vínculos são criados desde cedo. Na família de Dorilene, é comum ela

---

<sup>17</sup> Alimento industrializado a base de milho, muito consumido por crianças. É vendido embalado em pequenos sacos e tem um forte apelo de mercado direcionado ao público infantil.

<sup>18</sup> Embora não tenha aprofundado nessa questão, acredito que um estudo minucioso sobre o trabalho das parteiras poderia corroborar com informações relevantes a este e a outros trabalhos que tratam com a infância.

mesma amamentar o seu sobrinho, o que, na sua opinião, “é o único jeito da irmã trabalhar”, favorecendo o sustento da família.

Efetivamente, o modo como as crianças pequenas se desenvolvem do Porto, apresenta-se imbricado na lógica das relações familiares, em sintonia com a cultura daquele contexto social, sendo que, é uma lógica muito própria a esse universo, e, da mesma forma, permeada de valores que correspondem àquela condição de vida. Por outro lado, o discurso social, quando impõe sentido à existência humana, acaba por produzir efeitos estruturantes, que inauguram precocemente as crianças na vida social.

Então, compreendemos família, como um conjunto de valores internalizados, construídos e contextualizados nas bases simbólicas do mundo social onde está inserida, sendo esta representatividade estendida, também, para as representações a respeito de família.

Não se trata de contestar a validade de uma representação coletiva sobre um modelo de família na atualidade - lembrando que a família atual se ajusta a um padrão diversificado na sua configuração, mas de admitir, para as famílias de um determinado contexto social, as particularidades de sua existência.

## CAPÍTULO III

## As construções simbólicas no brincar

A vontade das crianças de transitarem por um determinado espaço depreende, naturalmente, do que está subjacente no universo de suas representações de mundo, cujas relações com as pessoas evocam algo de significativo para sua rotina. No brincar, nas atividades de vida diária, ou em qualquer outra ação atrelada ao espaço, as crianças estarão, sempre, sob os efeitos das relações com as pessoas ou as coisas que animam suas vidas.

De certa maneira, o *espírito*<sup>1</sup> de criança é moderado pelo tempero lúdico que é traduzido em tudo que faz<sup>2</sup>. Seja na casa ou na rua, o brincar, está incorporado a sua própria existência. O depoimento de Magno, um adolescente de 14 anos que ainda se sente criança diz: “(...)o bom mesmo é ser criança. A gente quando acorda quer logo sair para brincar”.

O estreito contato com a família, também notado no modo como as crianças circulam entre a casa e a rua, significa para as crianças do Porto-do-Sal, a vivência de uma realidade extremamente rica, notável com freqüência, na escolha de locais variados por onde se dão as brincadeiras. Mesmo quando exercem a condição de transitarem livremente pelos espaços muitas vezes distantes da própria casa – e somente lembrando de retornar “quando a barriga avisa”, como diz Luan (12 anos) -, as crianças, de um modo geral, permanecem ligadas às suas famílias.

---

<sup>1</sup> Tomo emprestado de Ariés (1981), o termo “espírito de criança” para falar da condição de existência social das crianças no Porto-do-Sal.

<sup>2</sup> O modo de agir das crianças dentro desse espírito lúdico pode ser comparado ao “caráter lúdico” referido no artigo de Angela Nunes (2002) ; este compreendido como “uma espécie de denominador comum às crianças de toda sociedade, manifestando sua universalidade por meio de infinitas peculiaridades, realizando e concretizando sua essência na singularidade sociocultural de cada um dos povos”.

Nessa perspectiva, há que se compreender a casa e a rua como espaços, de um certo modo, elásticos, visto que alargam-se, esticam-se, e comprimem-se, de acordo com as situações criadas em torno das brincadeiras e a dinâmica da vida familiar. Isso quer dizer que, em qualquer que seja a situação, as crianças estão sempre tensionadas a retornar ao domínio da casa.

Em trecho da entrevista realizada com Daniel, 9 anos, na qual ele descreve como se dá a *brincadeira da pipa*, o mesmo esclarece sua preferência pelo local dizendo: “Lá no Vasconcelos (área do Posto Vasconcelos), é mais melhor da gente empinar...é mais perto. A gente não pode sair de perto de casa...porque quando a mamãe precisa de nós a gente tem que ir, senão, quando eu chegar em casa ela me bate. Ela dá-lhe com a mão, mesmo!”.

A ligação com as famílias não significa que as crianças estejam sendo monitoradas a cada passo. Muito pelo contrário, as famílias exercem uma certa atenção à distância, e desse modo, permitem que as crianças se sintam livres para explorar os espaços lúdicos e construir novas formas de brincar. Para as crianças estar livre para percorrer os espaços da brincadeira não significa estar desatrelada das coerções internalizadas impostas pelos pais. Esse exercício de uma certa autonomia permite a construção de um cardápio bem diversificado de brincadeiras, cuja natureza determina um modo de expressão simbólica bastante particular.

No sentido de entender como as crianças apropriam-se do universo simbólico ao qual pertencem, e partindo da premissa, de que a natureza das brincadeiras infantis compreende mecanismos subjetivos através dos quais as crianças imaginam suas ações no brincar, proponho inicialmente a análise do “faz-de-conta”, na qual reflito sobre a versatilidade dos materiais e o espírito de *emulação* nas crianças.

### As brincadeiras imaginadas a partir da vida real

Atrás da cortina da pelada da Praça do Carmo, na qual participam apenas os meninos, três meninas se juntam diante de um banco de concreto, com a mais firme intenção de armar na brincadeira uma cena que lhes toca a imaginação.

Aproximei-me de Isadora, 5 anos, acompanhada por outras duas meninas, Tainá e Miris. Noto Izadora, uma criança de olhar vivo e imaginativo, que retira de um saco plástico branco, pequenas quinquilharias e as arruma geometricamente sobre o banco em forma de meia lua. Entre os objetos<sup>3</sup> que estende sobre uma toalha, uma pequena boneca se destaca. É evidente que os objetos dispostos sobre o banco – uma calculadora velha, um “mouse” (acessório de informática inutilizado), pedaços de plásticos quebrados, soltos de algo que se supõe já ter sido, um dia, um brinquedo – são polissêmicos, e portanto, podem adquirir novos sentidos de acordo com a situação brincada. Neste caso, as crianças vivem uma cena imaginária, na qual reproduzem uma cena comum do cotidiano de suas casas, qual seja, o cuidado com os bebês na qual, cada uma delas, assume um papel específico. Izabel é a mãe que cuida de um pequeno bebê que se estende em uma pequena cama *ilusória* e as outras duas cuidam da comidinha e da casa. As quinquilharias ordenadas sobre o banco da praça, despertam o sentido concreto de suas vidas.



Fotografia 16

---

<sup>3</sup> Phillipe Áries ressalta o estatuto de pequenos objetos referindo que “o gosto de representar de forma reduzida as coisas e as pessoas da vida quotidiana, hoje reservado às criancinhas, resultou numa arte e num artesanato populares destinados tanto à satisfação dos adultos como à distração das crianças. Os famosos presépios napolitanos são uma das manifestações dessa arte da ilusão.

A exuberância dos materiais, se vê também com as petecas de madeira de Raul, cuja origem, ele explica, como sendo de um material retirado do assento de carro em desuso, o qual foi desmontado, sendo as pequenas bolas de madeira que compunham o assento, “transformadas” em petecas pela sua própria criatividade.

A versatilidade dos materiais que são utilizados nas brincadeiras, alimentam a percepção das crianças para esse “fazer de conta” na brincadeira de “Ladrão e Detetive”, organizada por Romário (8 anos) e outras quatro crianças – essa, uma de suas brincadeiras prediletas.



Fotografia 17

Na brincadeira, Romário e seu colega imaginam-se no papel de policiais enquanto as outras três crianças se vestem no papel de ladrões. Com espírito imaginativo aguçado, as crianças transformam imaginariamente<sup>4</sup> um pedaço de pau em carro de polícia e o outro pedaço menor em “uma arma 38”. Os detetives fazem o cerco aos ladrões, prendendo-os, e a brincadeira chega ao fim. Segundo Romário a brincadeira se dá da seguinte forma:

---

<sup>4</sup> Como afirma Valter Benjamim, “ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras”.

É assim ó! Aqui tem cinco...aí tá eu e ele aqui, nós somos detetives...e ai nós estávamos em nosso apartamento. Esse, esse e ele (ele aponta para as outras duas crianças que escutam atentamente o seu relato) vão roubar o banco e aí, quando eu estou com o radinho (o radinho também é simulado com algum tipo de objeto), a pessoa fala: olha, assaltaram o banco! Nós vamos atrás. Eu pego o carro, um carrinho que nós faz...e ai vai andando, zimmmm. O carrinho é em nós mesmos, na *imaginação*. Quando a gente vê eles se escondendo, a gente atira na perna dele; ai ele cai. Quando ele cai, nós leva ele pro hospital, tira a bala e ai prende ele”

Esporadicamente, nota-se a presença de carros de polícia em torno da Praça do Carmo, uma vez que vem ocorrendo, com certa frequência no local, inúmeros casos de violentos incidentes<sup>5</sup>. A convivência das crianças com esse tipo de violência, evidenciada pelos acontecimentos registrados no Porto-do-Sal, permite que venham reproduzir muitas dessas situações no âmbito de suas brincadeiras<sup>6</sup>. Logo, refletimos sobre as situações concretas da vida cotidiana, como sendo a matéria-prima real capaz de remeter as crianças a emulação<sup>7</sup> de produções imaginárias. Como as crianças estão sempre na rua brincando, vez ou outra, elas acabam presenciando a movimentação de policiais armados nos espaços em que brincam. No trecho da entrevista transcrita abaixo, as crianças falam com entusiasmo das armas que imaginam usar nas brincadeiras:

---

<sup>5</sup> As situações de violência tem ocorrido com frequência no lugar. Em entrevista realizada na Praça do Carmo, com Dorilene, em janeiro de 2006, ela diz: “aconteceu uma morte ai (ela aponta no sentido do beco), mais ou menos tá fazendo um mês, foi antes do Natal...teve uma morte ai, nesse bar logo ali (ela apontava para o primeiro bar nas imediações do beco). Eu tava com os meus filhos aqui na praça ; quando a gente vai descendo daqui, o rapaz puxou a arma e atirou. Poxa! De repente uma arma dessa dispara numa criança, já pensou? O rapaz que atirou morava na baixada, era de Abaetetuba. Depois disso ele foi embora e não apareceu mais. Foi por isso que eu tomei essa decisão. (Ela referia-se a decisão de mudar-se da baixada, um fato que ocorreu ainda no mês de janeiro de 2006. A entrevista foi concedida quando visitava as irmãs e mãe que ainda permanecem morando na baixada). Os meus filhos vão crescer, e quem sabe se eu vou ter controle disso. Ou mesmo as crianças podem estar brincando e um cara desse, vem na doida como ele veio, puxa uma arma, dá um tiro no meio de todo mundo como ele deu, e ai pega numa criança, mata uma criança dessa, quem vai ficar sofrendo é a família. Entendeu?...porque, para eles, o que eles querem é satisfazer aquele desejo – porque eu acho que isso é um desejo, matar outro – e ainda levar ele (ela apontava para o filho ) para lugar nenhum, sei lá. Isso já tinha acontecido várias vezes, só que quando aconteceram essas duas mortes antes, foi de noite. A gente tava dormindo na hora e não viu nada do que aconteceu. Foi lá naquele poste na frente do bar da Dona Liduína, foi num horário desse”. Ao ser perguntada a causa da violência, Dorilene responde: “eu acho que é droga”.

<sup>6</sup> Há no relato das crianças, um forte indício de que tenham sejam influenciadas por notícias televisivas, que também faz parte da realidade social as quais pertencem.

<sup>7</sup> A despeito de que os brinquedos tenham sido utilizados, também, pelos adultos em tempos passados, é certo, pelo que nos aponta Áries (1978), “nasceram do espírito de emulação das crianças, que as leva a imitar as atitudes dos adultos, reduzindo-as à pequena escala. Foi o caso do cavalo de pau, numa época em que o cavalo era o principal meio de transporte de tração” (p. 47)

Daniel: “na brincadeira a gente usa uma arma de qualquer coisa, pode ser até de areia”

Romário: Ah...! mas pra segurar como é que faz? (nesse momento Daniel faz um desenho alusivo a um revólver na areia do chão da praça)

Romário: Pra mim arma não é pistola, nem uma dessas. Pra mim é logo dois 38, metralhadora. E é só pegar assim e boom! boom! A minha tem espuleta; não tem manteiga não!

Natalino: Por falar em metralhadora, eu já tive uma que eu achei. Uma vez...que eu morava em Abaetetuba, a mamãe foi pra festa e eu achei uma, e aí eu fiquei brincando de Polícia ladrão, quando eu ví: lá vem o moleque andando atrás de mim. Eu me joguei na areia e ele caiu. (Essa mesma criança, segundo as outras crianças presentes na rodada da conversa, apontaram para sua testa mostrando a cicatriz de um acidente ocorrido em sua casa, quando jogou-se do segundo andar de sua casa achando que era o *Superhomem*<sup>8</sup>)

Esse mesmo sentimento de emulação, próprio da natureza infantil, que incita as crianças a se igualarem ou a superarem os adultos, constitui a força motriz de sua criatividade lúdica, cujo dote imaginário, está intimamente relacionado aos aspectos concretos da vida social. De fato, qualquer brincadeira, umas mais outras menos fantasiosas acerca do universo do “faz-de-conta”, todas elas contribuem para que as crianças tenham condições de apropriar-se do mundo ao qual pertencem e, assim ampliar sua rede social. Dar conta de todas as brincadeiras registradas no contexto do Porto-do-Sal seria então, uma tarefa, e ao mesmo tempo, concebê-las segundo um critério de ordem fixa - atribuindo um único sentido - correria o risco de restringir meu objeto de estudo a uma simples classificação, ou melhor dizendo, estaria na contra-mão de uma leitura antropológica, uma vez que cada brincadeira tem suas particularidades, articuladas e compreendidas na perspectiva do contexto sócio-cultural.

### **O tempo das brincadeiras**

Neste sentido, a abordagem da categoria “tempo”, tomada como um aspecto central de minha análise, empresta um olhar diferenciado sobre a vida das pessoas, e ao mesmo tempo determina a escolha das brincadeiras e a forma como estas são elaboradas e brincadas.

---

<sup>8</sup> Personagem heróico de história em quadrinho e de filmes.

Segundo Angela Nunes (2002), “são as brincadeiras que, no decorrer do período que corresponde à infância, oferecem às crianças alguns dos pontos de referência cruciais para a percepção das dimensões espaciais e temporais nas quais seu cotidiano acontece”.

Logo, o tempo das brincadeiras no Porto-do-Sal, obedece a parâmetros específicos, muito mais relacionados a um momento específico no cotidiano das crianças. Isso quer dizer que, qualquer tempo é tempo de se brincar, mas depende naturalmente de um conjunto de fatores relacionados à situação apresentada. Há situações em que se reúne um grupo considerável de crianças a fim de jogar bola, e no entanto, vem uma chuva inesperada deixando uma parte do campo (na Praça do Carmo) sem condições de uso para a partida de futebol. As crianças, nesse caso, preferem jogar peteca.

Portanto, não se trata de um tempo concreto marcado pelo mesmo relógio, cujos horários estão predeterminados a acontecer e que, comumente, regula o cotidiano das crianças das camadas médias e altas, com horários já pré-estabelecidos para ir às aulas de informática, natação, judô, basquete dentre outras. De modo contrário, há uma marcação própria do tempo no Porto-do-Sal, que está intimamente articulada ao meio ambiente, cujos fenômenos da natureza, como as chuvas, os ventos e as marés (subida e descida da maré na baía do Guajará), regulam o modo como as crianças planejam suas brincadeiras. É o que Romário tenta explicar ao dizer:

“Junho e julho é o tempo de pipa. Tem dois tempos de pipa, não pára. É tudo tempo de pipa. Passou pra agosto, nós vamos pra peteca. Passou pra setembro nós vamos pra bola, mas é só Repa (Refere-se aos times de futebol profissional: Payssandú e Remo<sup>9</sup>). Agora que é janeiro. É o tempo da peteca. Depois vem o tempo do “furo”(Segundo Romário, é um jogo praticado com arames bem afiados nas pontas, que são atirados na areia e possuem regra própria). Aí nós vamos pra peteca de novo. (entrevista realizada em 28/02/2006)

---

<sup>9</sup> São times de futebol profissional, representantes do Futebol Paraense

A sazonalidade<sup>10</sup> das brincadeiras é determinada pelas inúmeras situações que se apresentam no seu cotidiano. Se no tempo das chuvas a maré está baixa, as crianças preferem, de acordo com as condições apresentadas, brincar de pegar síri. Mas se é tempo de verão e a maré está alta, poderia se supor que prefeririam estar tomando banho na maré. E o banho na maré, por sua vez, depende do movimento da maré, regulado pela enchente e vazante, sendo escolhido pelas crianças, o momento do final da cheia, antes que a maré altere o curso para a vazante, sem que portanto, haja uma hora fixa para essa brincadeira. Seu acontecimento é variável no tempo.

Tais condições, é claro, dependeriam também das características do grupo que está se reunindo para brincar. As crianças revelam abaixo as particularidades do tempo, explicando como se sentem mais inclinadas a optar pela brincadeira de pegar “síri” à brincadeira de pegar “peixe” – relacionada a procura de iscas de minhocas na Praça do Carmo:

Romário: tem o tempo do síri e do peixe, que é a minhoca;  
Daniel: Hoje tá o tempo da araiá...a perna do homem teve uma ferrada;  
Eu: e nesse araiá como é que vocês brincam?  
Romário: Já terminou a época do síri. Hoje é tempo de araiá.  
Daniel: a araiá deu-lhe uma ripada no homem.

Outros: Não foi nem uma mordida, foi um ferrão...o homem vinha pisando na lama, ele vinha carregando um peixe, aquele araparí sabe? Ai ele não viu a arai. Ele viu só aquele negócio se mexendo...

Romário: eu pego o ferro ai eu começo a amarrar. Ai eu tenho o saco...começo a costurar, costuro, costuro, costuro tudinho. Ai fica como se parecesse um saco, bem baixo. A gente coloca assim uma pedras, com uma coisa que segure as tripas. Pega a linha dá um nó na corda, fica em quatro partes assim (ele gesticula com a mão indicando os contornos do saco amarrado). Ai joga pra baixo na água, amarrado em alguma coisa. Ai demora um pouquinho...ai agente puxa. Se vir pequenininho, nós joga fora (Refere-se ao síri), se vir um grandão, assim daqueles grandão (indica com as mãos o tamanho do síri), nós puxa e coloca no saco.

### **Sobre as brincadeiras inventadas**

Ao dialogar com as crianças, pude entender que muitas das regras relacionadas às brincadeiras no Porto-do-Sal, são herdadas de crianças que pertenciam a outras gerações de

---

<sup>10</sup> Segundo diz Angela Nunes (2002), “a vivência da sazonalidade implica, igualmente, tecer diferentes relações de espaço e tempo, nas quais a vida doméstica, a produção familiar e a organização comunitária encaixam-se e

crianças, as quais acabavam passando às crianças menores, que por sua vez passavam à outras crianças menores e assim por diante. Embora as crianças não tenham falado sobre a condição de apreensão das brincadeiras por intermédio dos pais<sup>11</sup>, observou-se em duas situações específicas a presença de pais acompanhando as crianças nas brincadeiras.

Certamente, considero como hipótese da preferência por alguma brincadeira específica, o fato de que, algumas destas brincadeiras tenham sido transmitidas pelos próprios pais e ao longo dos anos, sofreram algumas adaptações locais ou mesmo permaneceram inalteradas em suas regras. O que arriscaria em dizer, que isso se deu com as brincadeiras da peteca e da pipa, que já se popularizaram, e adquiriram uma espécie de permanência na cultura, compreendidas que saem de uma geração à outra ou mesmo são praticadas em culturas diferentes sem que percam a sua essência.

Há ainda nos depoimentos colhidos, situações em que as crianças do Porto-do-Sal, mantêm contatos esporádicos com crianças de outras localidades<sup>12</sup>. O trecho da entrevista a seguir, ilustra essa condição:

Daniel: Eles inventaram uma brincadeira nova, eles, os meus colegas que foram pra Igarapé Miri. Inventaram *cobra no buraco* e *passarinho no ninho*.

Eu: Como são estas brincadeiras?

Daniel: tem que ter uma camisa; nós pega uma camisa: se esconde em cima é passarinho no ninho, se esconder em baixo é cobra no buraco. É assim, eu escondo a minha camisa, e aí...tem que sair ripando. Se tocar no poste nós para;

Romário: É assim, eu escondo a camisa...é só uma camisa. Aí dá cobra no buraco, ele pegou e saiu ripando. Aí, se ele se esconder e tocar no poste...;

Daniel: se todo mundo pegar no poste, eu paro. Aí, eu paro de ripar (indica a ação de bater) em todo mundo.

Como Daniel diz, as brincadeiras da *cobra no buraco* e do *passarinho no ninho*, vindas de Igarapé Miri, desembarcaram no Porto-do-Sal, carregadas na memória de seus colegas, sendo suas particularidades transmitidas às crianças do Porto através de uma cadeia

---

desdobram-se ao longo do ano, em arranjos que refletem também etapas do ciclo de vida de cada indivíduo.”

<sup>11</sup> Já foi dito no capítulo anterior que o pai, na maioria das famílias que moram no Porto, fica muito ausente de casa em função do trabalho nas atividades da pesca. .

<sup>12</sup> Há um contato frequente entre as famílias e seus parentes que moram nas suas cidades de origem.

oral. E hoje, segundo as crianças essas brincadeiras fazem parte do cardápio das brincadeiras prediletas daquele universo.

Parece então que temos o *porto das brincadeiras* no Porto-do-Sal, condição que favorece às crianças absorver, pela via do contato com familiares e conhecidos que moram distantes, outras referências culturais, o que as permite ampliar o seu universo de brincadeiras, essas concebidas assim, como transmissores de elementos culturais. Ademais, as brincadeiras fazem parte do contexto social (da cidade grande) que é diferente do contexto social apresentado em Igarapé Miri, e dessa forma constituem-se em importantes instrumentos de socialização, uma vez que possibilitam a criação de laços afetivos entre as crianças do Porto.

Impossibilitado de percorrer todas estas nuances em várias das brincadeiras verificadas no campo, optei por trabalhar com três jogos<sup>13</sup> ou brincadeiras específicas<sup>14</sup>, observadas como aquelas mais vividas pelas crianças do Porto-do-Sal e que são: a peteca, a pipa e o futebol. Ao selecionar estas brincadeiras como objeto de estudo, pretendi traduzir em palavras um panorama da dinâmica das brincadeiras durante os momentos de jogo e extrair delas, determinadas particularidades que respondiam a algumas indagações concernentes a esse trabalho de pesquisa.

### **As nuances da linguagem nas petecas**

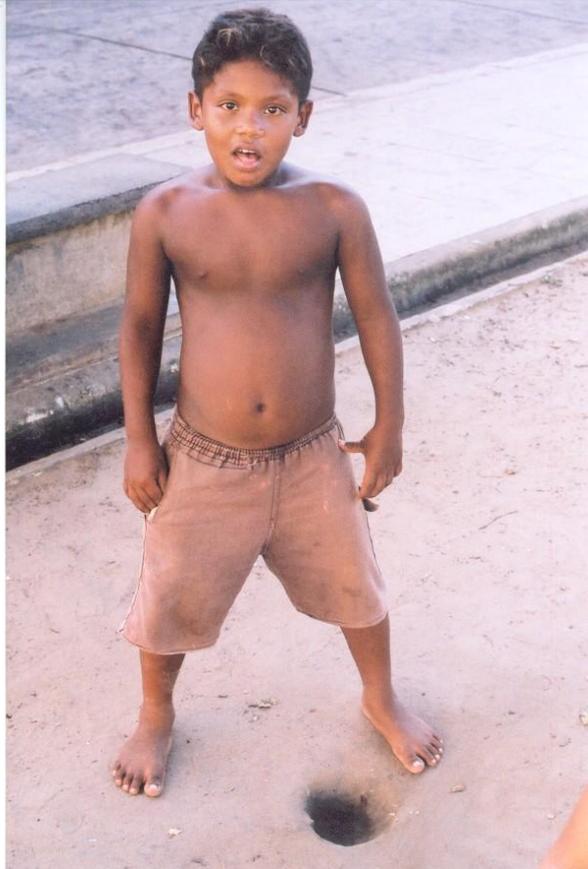
Na medida em que as crianças brincavam na estreita faixa de areia de um canteiro situado na Praça do Carmo, eu as acompanhava observando e pedindo explicações, a fim de situar-me acerca das regras e das particularidades da brincadeira.

---

<sup>13</sup> Ressalto ainda que para descrever as brincadeiras estarei utilizando os termos brincar e jogar e seus derivativos como sinônimos, e portanto indicando uma ação na ordem do brincar. Reafirmo essa questão pois, em geral, os jogos constituem-se formas de divertimento contemplados na ação de brincar, uma especificidade muito particular na língua portuguesa, uma vez que em outras línguas, não há qualquer diferenciação entre os termos brincar e jogar. Na língua francesa com o termo “jouer” e na língua inglesa com o termo “play” há uma justaposição dos sentidos brincar e jogar.

<sup>14</sup> Ver quadro em anexo.

As crianças me relatavam que jogam as petecas de três maneiras distintas: a “da bozoca<sup>15</sup>”, a “do corre-atrás” e a “do triângulo”. Para compreender a maneira específica como elas jogam cada uma destas modalidades, destaco abaixo trechos da entrevista<sup>16</sup> realizada com Daniel (9 anos) e Magno (14 anos):



Fotografia 18

A brincadeira das petecas do tipo “bozoca” é segundo Daniel, “um buraco que nós faz na terra”. É jogada sem restrições por qualquer criança que se habilita a brincar. Dentre as modalidades de jogo da peteca, a “bozoca” é considerada a predileta. O jogo começa quando as crianças chegam com suas petecas nas mãos trazendo consigo “notas de cigarro”(ver nota em anexo), utilizadas para as apostas, que são arrumadas como se fossem maços de dinheiro.

---

<sup>15</sup> O termo bozoca não existe no dicionário da língua portuguesa, mas encontrei o termo “bozo” como derivação que significa “jogo de dados onde se atiram os cubos dentro de um cilindro de folhas-de-flandres ou de um copo de couro, só descobrindo os lances depois de feitas as apostas”(Aurélio).

Às crianças que não dispõem das notas, surgem no meio das outras crianças e logo são auxiliadas por um deles disposto a emprestar as referidas notas. De forma que a brincadeira ocorre com a participação de quantas crianças quiserem, cada uma delas dispondo de um mínimo de notas. A brincadeira transcorre num clima de cordialidade entre as crianças. Quando pergunto à Daniel, “vocês jogam à dinheiro?”, Daniel responde:

“Só os grandes mesmo é que jogam dinheiro e nós jogamos com as carteiras de cigarro. Nós brincamos com as carteiras de cigarro. As carteiras são de qualquer tipo...elas são assim (ele gesticula com a mão indicando o tamanho das carteiras de onde retiram os papeis que em seguida, são dobrados de forma que possam parecer notas de dinheiro) parece uma caixa...daquelas umas que tem um papel assim. É só fechar assim, e parece um dinheiro. Cada um tem uma carteira dessas. Se for de 10 é o “bacana”, de 20 é o “derby”, de 1000 é o “holiwood”. Das antigas vale mais. Mas essas de 20.000 tem que destruir e eu não gosto...eu gosto quando o valor é menor”



Representação do dinheiro usado na brincadeira

Logo que começei o jogo, deparei com uma certa dificuldade para assimilar os termos utilizados na brincadeira, motivo pelo qual, incluo a seguir, uma reflexão sobre os trechos da entrevista que me esclareciam as particularidades da linguagem<sup>17</sup> pertinentes àquele universo.

<sup>16</sup> Entrevista realizada no dia 28 de janeiro na Praça do Carmo.

<sup>17</sup> Para Malinowski, a linguagem deve ser considerada em sua função, a “chave do processo mental”, onde a relação ente idéia e palavra, entre enunciação verbal e atitude mental, é uma questão que devemos considerar em detalhes” (1935). É por ele considerada “uma das mais importantes ferramentas do etnógrafo” (p.4); portanto, diz

O sentido da linguagem torna-se ainda mais claro, quando analisamos os elementos do discurso das crianças no contexto da brincadeira, recheados de termos que demandam esclarecimentos para uma análise mais acurada do sentido empregado. Nesse sentido, a linguagem é um instrumento de fundamental importância para a análise etnográfica, não restrita aos conceitos e categorias encapsuladas nas idéias pré-concebidas sobre um determinado fenômeno, sendo, portanto, capaz de (re)produzir um conhecimento específico que se “processa em definitiva relação com a vida das pessoas que falam de seus hábitos mentais e atitudes” (Malinowski B., 1935, p.6).

Os elementos da linguagem, a exemplo dos termos, expressões e frases utilizadas pelas crianças na peteca, devem estar em sintonia com o comportamento contextualizado na vida dos nativos, permitindo à leitura etnográfica, dar conta dos princípios que norteiam suas escolhas, ao mesmo tempo em que se busca decifrar seus sentidos no conjunto simbólico aos quais pertencem.

Segundo ele, os processos de linguagem estão contemplados “numa combinação entre o discurso e as atividades corpóreas. Movimentos, palavras, gestos são utilizadas para resolver problemas práticos” (Op. Cit., 1935, p.8). Assim sendo, o discurso é, na antropologia “o equivalente a gestos e movimentos”, ou melhor, “não funciona como expressão de pensamento ou comunicação de idéias, mas como parte concernente às atividades”.

Percebi, neste sentido, que os jogos possuem uma linguagem particular, enriquecida com frases cujos termos repetem-se e denotam uma codificação própria relacionada às brincadeiras. Noto entre as crianças - em oposição à linguagem adulta -, um certo deslizamento dos sentidos empregados nas brincadeiras, de modo que a utilização dos termos está sempre sendo empregada para enunciar algo de concreto na brincadeira, sendo comum as

---

ele, deve-se ter cuidado para não tomar a linguagem como um processo que corre de forma biunívoca, exatamente correspondente aos processos mentais; “a função da linguagem é refletir ou duplicar a realidade mental do homem em uma corrente secundária de verbos equivalentes”

crianças explicarem o significado de um termo qualquer, como exemplo, o termo “abicora”, simplesmente traduzindo a sua própria ação no jogo.

Daniel: Depois que eu jogo na *bozoca*, eu posso me *abicorá* ou dá um *tel* (o termo *tel* foi por mim decifrado como ato de atingir a peteca do oponente; o som das petecas batendo umas contra as outras me remete à fonética escrita da palavra)

Eu: O que quer dizer *abicora*?

Daniel: Quer dizer que nós *abicora* para um lado e para o outro...quando nós joga para um lado e para o outro, para onde quiser (ele joga sua peteca no jogo, de modo que ela fica discretamente protegida do tel de um oponente. Digo discretamente, porque existe um acordo velado, no sentido de não deixar a própria peteca tão distante à investida do adversário como forma de viabilizar a continuidade do jogo, pois, do contrário, se a peteca for atirada a uma distância muito grande, o risco de ter sua peteca atingida é menor. Portanto, o risco é um fator condicionante na brincadeira, e sem o qual ela não poderia acontecer).

Pode-se dizer que os termos utilizados na brincadeira da “bozoca”, traduzem um fazer específico de sua realidade concreta; e concreto ainda, é seu significado, posto que a apropriação de termos próprios ao universo daquelas brincadeiras, só se traduzem por eles mesmos ou por seu fazer. Assim, abicora se traduz por abicora, ou seja, o termo se traduz pelo próprio termo ou por aquilo que denota, no caso da palavra abicora, um gesto ou uma estratégia do jogo. É preciso, nessa perspectiva, uma atenção ao sentido e à maneira do que está sendo comunicado entre universos sociais distintos, uma vez que a linguagem, que é um instrumento fundamental nessa interlocução, não obedece aos mesmos critérios de uma tradução literal dos termos de uma linguagem.

De fato, as crianças não dispõem do mesmo mecanismo de subjetivação de uma pessoa adulta (o que é justificado pela própria condição de sujeitos em formação na linguagem). Isso não significa que não tenham se apropriado das particularidades da língua. Aprender essa situação quanto às especificidades da linguagem utilizada pelas crianças no universo das brincadeiras, permitiu-me entender que eu não precisava lançar mão de sinônimos para a compreensão dessa realidade; e sim que a própria convivência com as brincadeiras me forneciam elementos concretos para o entendimento dos termos utilizados. Na medida em que

prossigo minha análise sobre as brincadeiras, verifico, na fala de Daniel, novas situações que evidenciam e que corroboram minhas observações,

“primeiro eu jogo na bozoca e ai eu tenho um sete, depois eu jogo na bozoca e depois eu jogo um tel. (Entendi que há uma certa seqüência de lances que são pontuados de acordo com as etapas do jogo, que são: sete; castro e 21. Se a peteca cai na bozoca, basta que seja dois tel para completar a seqüência de lances que determina uma vitória. É necessário que pelo menos uma vez, a peteca caia na bozoca. Há momentos em que basta um tel?) (...) quando a peteca cai na bozoca pode ser dois tel. (ele explica as etapas do jogo, no próprio ato de jogar) (...) Primeiro é sete, (pode ser uma bozoca ou então um tel), castro (pode ser o tel) e 21 (pode ser a bozoca)”.

Durante um dos jogos de peteca na Praça do Carmo, acompanho Pepê que explica a partida dizendo, “ele dá o *tel* na minha e aí ele me mata” (ele apontava para o colega ao seu lado). Pepê remete-se a perda de uma de suas petecas que utiliza na partida, sendo esta uma ação que se desenrola durante todo o jogo. As crianças estão ora ganhando ou ora perdendo suas petecas, e as estratégias sempre são montadas em função de uma melhor posição para dar o “tel” e assim ganhar a peteca do oponente. De um modo geral, as crianças estão sempre esquivando-se de um tel, da morte, da perda.

Pepê: “Se ele acertar aqui na barroca, ele tem que dar mais um tel (refere-se ao oponente)...e aí ele me mata. Se ele acertar na barroca tem que me dá-lhe dois tel, ou então, dá na barroca e mais um tel. Quem ganha fica com a peteca do outro” (entrevista realizada em 10 de junho de 2005).

Quando as crianças jogam as modalidades do corre-atrás ou a do triângulo, as petecas nas mãos das crianças, adquirem uma espécie de condição de valor que transpõe o valor financeiro; ganham valoração em situações de troca entre as crianças, o qual pode variar em função de aspectos tais como o tipo de material – observados nas petecas de madeira de Raul, o vidro (a mais comum de se ver nas brincadeiras) e o aço -, tamanho, desenho, coloração, transparência e até mesmo o tempo de uso expresso na aparência de sua superfície que, com o manuseio, perdeu o brilho e arranharam.

Em certas situações, o jogo das petecas do tipo triângulo e o jogo da peteca do tipo corre-atrás, implicam para as crianças o uso de um acervo pessoal de petecas, as quais são arriscadas em apostas, uma vez que substituem as notas de cigarros.

Daniel: Na do triângulo, cada um joga a *mina* de peteca. (isso que dizer que cada um coloca uma Segunda peteca no triângulo que juntas formam uma mina). Se eu tirar uma peteca do triângulo é minha, aí eu jogo mais uma vez. Aí se a minha, quando eu tou jogando ficar lá dentro, fica lá dentro mesmo!

Essa atribuição de valor dada às petecas, acaba instigando as crianças em optarem por jogos nos quais elas se dispõem a adquirir novas petecas dos colegas ou mesmo perdê-las; algo como um “jogo de azar”<sup>18</sup>. Observa-se no jogo de peteca o mesmo caráter dos jogos de risco representativo do mundo dos adultos, no qual, e de certa forma, o espírito de competição e emulação das crianças, está atrelado a esta condição de risco. Na falta das notas de cigarro representando dinheiro real, elas utilizam como recurso de aposta as próprias petecas.

A idéia de pensar os jogos como algo compartilhado entre adultos e crianças, permite-nos refletir sobre uma ação que teve sua origem<sup>19</sup> no caráter de aventurar-se ou arriscar-se no jogo que tem como perspectiva a perda ou o ganho, atualmente fazendo parte, como visto, das regras assimiladas no jogo de peteca.

---

<sup>18</sup> Segundo as proposições de Phillipe Áries, os “jogos de azar” são como uma modalidade de jogo, herança de um período em que as crianças se “misturavam” com os adultos.

<sup>19</sup> Ariès (1978), ajuda-nos a refletir sobre a origem dos jogos nas brincadeiras infantis: “por volta de 1600, a especialização das brincadeiras atingia apenas a primeira infância; depois dos três ou quatro anos ela se atenuava e desaparecia. A partir dessa idade, a criança jogava os mesmos jogos e participava das mesmas brincadeiras dos adultos, quer entre crianças, quer misturadas aos adultos”.

### O laço social das Pipas<sup>20</sup>

Por que um simples objeto que voa e resiste aos ventos, encanta tanto os olhares de uma criança? Certamente que não estamos nos referindo, apenas, a um material artesanal, que está preso a uma linha e pulula no ar. Para as crianças, as pipas evocam atributos simbólicos, os quais agregam valor social às imagens desenhadas no céu. Isso quer dizer que, de acordo com as crianças do Porto, o ato de empinar pipa transpõe a própria ação e passa a contemplar um conjunto de valores, atitudes e sentimentos que engendram sentido às suas vidas, formando o laço social.

O caráter competitivo dos jogos é também notado quando as crianças empinam suas pipas. A brincadeira se dá com os adolescentes tomando a frente para suspender-las. Eles são, freqüentemente, ajudados pelas crianças menores que seguram as pipas com a linha esticada, inclinando-as na posição de alçar vôo, apenas aguardando a puxada daqueles que irão manejá-la na paisagem que se descortina no horizonte. Em seguida as crianças se posicionam de frente, com o olhar erguido para o céu da brincadeira e passam a torcer cada uma delas, a seu jeito, para que alguma das pipas que se ergueram no céu, venha a ser *laçada*<sup>21</sup> pelo adversário.

A torcida para que as pipas tenham o êxito esperado na brincadeira, só se torna possível quando há um clima de competição em torno das pipas levantadas. Por esta razão, Magno diz que só gosta “de empinar pipa quando tem pelo menos outro papagaio sendo empinado no céu”.

---

<sup>20</sup> Renata Meirelles no artigo “Pipa, pião e chicote” onde discorre sobre como as crianças brasileiras absorveram referências de diversas culturas do mundo, retoma a origem do papagaio - de onde derivam as pipas - no Brasil como sendo de “origem oriental, chegando inicialmente no Maranhão no século XVI, trazido pelos portugueses. Os primeiros registros do brinquedo – ou brincadeira – contam que foi criado por um general chinês de 206 aC, conforme indica a enciclopédia chinesa Khé-Tchi-King-Youen – citada pela educadora TizuKo Kichimoto em Jogos tradicionais infantis, o jogo, a criança e a educação (1993). Segundo a tradição chinesa, a pipa, como é também chamada, foi largamente usada em estratégias militares, servindo de instrumento de comunicação entre soldados, enviando notícias em locais sitiados ou pedindo ajuda.” Atualmente, aponta a autora, é utilizada como estratégia de comunicação constante feita com traficantes de drogas no Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Segundo as crianças o termo “laçada” é equivalente a “cortada”, e refere-se ao ato de cortar a linha da pipa adversária erguida no céu durante a brincadeira.

Entre os adolescentes que empinam suas pipas, observo Junior, 8 anos, hesitando em colocar sua pipa no ar, justamente por temer que ela venha a ser cortada pelos adversários. De qualquer maneira, faz questão de estar no meio da *molecada*, compartilhando com as outras crianças o sentimento de estar junto, e vibrando em coro, sobre os lances que lhes incitam a percepção da brincadeira. O melhor momento da brincadeira é descrito pelas crianças “é dar o laço (...) nós grita um com o outro: pega, pega, lá o vai ele...”(risos)



Fotografias 19, 20, 21 e 22

Para muitos deles, a única chance de vir a ter uma pipa, é desta forma, ou melhor, correndo atrás de uma que, num lance, venha a ser cortada pelo adversário. O corte de uma pipa, consiste em um dos momentos mais sublimes da brincadeira. Nesta hora, todos correm

eufóricos tentando alcançar a pipa que cai do céu. Os que não a alcançam, num gesto de desolação, tratam sempre de saber em que mãos ela veio a cair.

A entrevista<sup>22</sup> realizada com Magno (14 anos) e Daniel (9 anos), oferece-nos um panorama geral da brincadeira da pipa no Porto. Optei em fragmentar a entrevista a fim de facilitar a compreensão de suas particularidades de modo que estas estejam alinhavadas com as reflexões pertinentes à análise da brincadeira. Os trechos da entrevista são dispostos a seguir, de forma a que venham ilustrar a construção simbólica desses momentos.

O local predileto para empinar pipas, segundo os entrevistados, é “lá no Vasconcelos” (conhecido como Posto Vasconcelos), e eles dizem claramente que preferem aquele local “porque é mais melhor da gente empinar” (certamente que houve a necessidade de esclarecer esse comentário com outras passagens da entrevista mencionada, uma vez que precisava então saber o que era “mais melhor”. Acabei por entender posteriormente, que um conjunto de aspectos juntos determinavam esta condição de “mais melhor”). Como na brincadeira das petecas, empinar pipa também reúne um número considerável de crianças de todas as idades, porém, são só os meninos que brincam.

A brincadeira da pipa é fortemente influenciada pelos fenômenos da natureza que impõem, assim, condições circunstanciais para empiná-las. Dentre os elementos ambientais que determinam sua prática, destaca-se a sazonalidade marcada pelos períodos de estiagem com pouca incidência de chuvas na região, assim como a direção e a intensidade dos ventos e, ainda a situação da maré (entre enchente e vazante) que determina, também, segundo as crianças, a direção do vento. De um jeito enigmático, Daniel explica as condições de vento dizendo: “ele vai em toda direção...de vez em quando, ele vai pra aí (aponta para um lado), no lado. Ele vai em toda direção”. Nesse momento, Magno o intercepta dizendo: “ele vai mais pra cá, assim (ele aponta a direção do vento no sentido do porto). Quando o vento corre pra lá,

---

<sup>22</sup> Entrevista realizada no dia 25 de janeiro de 2006

a gente gosta mais... é mais bom a gente empinar pro lado de lá. Lá tem o outro porto, o Brilhante, e as pipas caem tudo pra lá.”

As crianças sacodem as pipas em várias direções, esquivam-se das pipas adversárias criando estratégias de avanço, fuga e recuo como se estivessem soltas no ar, cheias de autonomia, costurando o céu como se fossem capazes de ter vida própria em defesa de seu próprio destino, o de proteger-se, ficando o maior tempo possível erguida no horizonte. Nas crianças, havia uma nítida constatação de que seus olhos imanavam-se nas pipas. Magno fala desse momento:

“A gente pega, empina na linha a pipa e aí vai dando cabeça pra cima...até encontrar com a linha. Ai descai, vai soltando a linha, e aí vai dando cabeça até cortar. [ao me descrever como movimentava a pipa, Magno gesticulava a maneira de segurar e puxar a linha, o que foi por parte de Daniel, motivo de riso, uma vez que passou a gesticular insinuando um movimento que, claramente, teria haver com a masturbação masculina] (...) Quando a gente vem fazendo ela descer pra baixo é dá cabecá. Ela vem descendo...vem e aí quando ela vem a gente descai (solta a linha), e aí ela torna a voltar.

Para “descair” ele explica, “é só pegar a linha, ficar assim descaindo (mostra o movimento das mãos, como se estivesse soltando uma linha gradativamente). Aí é só dar cabeça, aí ela enterra. Aí é... eu só descaio, ela sobe de novo.”

No sentido de explorar ao máximo as condições ambientais, as crianças dizem preferir as pipas, visto que são consideradas mais leves para a brincadeira. Assim, então, tomei conhecimento sobre a existência de uma certa diferença entre a pipa, o papagaio e a rabiola e o material com que são feitas. Segundo Magno, “o papagaio pesa muito, e a pipa é bem leve sendo preferida delas. A rabiola, eu não gosto... é muito escroto pra dar cabeça”.

O material plástico usado na confecção das pipas é aproveitado dos sacos de supermercado, como Daniel explica: “A gente vai fazer a rabiola e o papagaio e rasgam o papel...se ela cair na água, ela rasga todinha e a pipa não: ela é uma sacola assim, da Yamada

ou do Líder<sup>23</sup>.” O próprio Daniel confecciona sua própria pipa e utiliza pra isso, segundo informa “sacola, tala, linha...pega uma faca e faz.”

### **Os corpos que falam na brincadeira do futebol**

Para as crianças, a “pelada” na Praça do Carmo, sempre esteve no rol de suas brincadeiras prediletas, e acontece durante todo o ano, em horários os mais variados.

O cenário é um campo de forma circular, cujo revestimento do piso é o concreto da própria Praça do Carmo. O local foi naturalizado pelas crianças como o “campo da bola”. Nos momentos em que as crianças não estão jogando, ele é vazio, servindo apenas como um caminho para alguns passantes desapercebidos de que o local é usado pelas crianças. Vez ou outra, durante o trabalho de campo, meu olhar desvia-se para além deste espaço da Praça, onde eles jogam futebol permitindo-me entrever outras cenas de brincadeiras em outras áreas também da Praça. Quero dizer que o espaço é democratizado pelas crianças, e elas estão a todo momento, criando uma diversidade de brincadeiras, que compartilhas, expressam no dia-a-dia sua dinâmica social.

Daí que se pode entrever uma espécie de movimento por parte das crianças, que organizam as brincadeiras em função de regras existente entre eles, as quais perpassam pelo reconhecimento de um acordo que não tendo sido determinado verbalmente entre eles, ainda assim é o que legitima suas ações. Desse modo cada criança ou grupo de crianças utiliza os espaços da praça, em horários diferenciados ou não, de acordo com o que está (pré)visto e acontece no momento das brincadeiras.

As partidas são organizadas como num *passe de mágica*. Em várias situações quando dialogava com algumas crianças na Praça, a bola começava sem nem me dar conta como foi organizada a partida. É como se a brincadeira fosse antecedida por um eficiente código de

---

<sup>23</sup> Líder e Yamada são ambos, considerados grandes supermercados em Belém, com lojas espalhadas por toda a cidade.

comunicação entre as crianças que funcionava como disparador do jogo de bola. De repente, alguém chega com uma bola de borracha, expressa meia dúzia de palavras e pronto, a brincadeira inicia sem rodeios.

Como contraponto desta espontaneidade descrita acima, na ação de organizarem-se, para a pelada, destaco as partidas de futebol organizadas pelo Elias, que já mencionei anteriormente. Ainda no início da pesquisa, quando eu passava a maior parte do tempo de trabalho de campo, circulando nos arredores da praça, algumas dessas situações que retomo em minha memória do campo, me faziam refletir sobre esta mesma organização.



Fotografia 23

É importante ressaltar que as crianças mantinham contato permanente com Elias, que dedicava uma parte do seu tempo para estar com as crianças que brincavam na Praça, defronte sua casa. Ele se sentava no banco munido de apito, dois cartões - um vermelho e outro amarelo -, e é claro uma bola de couro. Nos finais de tarde, bastava que Elias sentasse em um dos bancos que contorna o local da bola, para que as crianças comesçassem a chegar como formigas em busca de um grão de açúcar, cujo doce era a própria bola. Colocavam-se em torno do homem maduro, e aguardavam suas instruções para formar os times que normalmente, deveriam estar equilibrados de acordo com os critérios dele. Em um dos

momentos que antecede uma partida, acompanho Elias que ordena a divisão dos times, permitindo que uma das crianças que vestia “shorts” alaranjados participasse da partida, embora tenha proferido em tom jocoso o fato da criança não pertencer ao grupo. Ele exclamava: “logo se vê, esse garoto não é da baixada!”. Aos meus olhos, não havia qualquer diferença no modo da criança trajar-se, mas Elias insistia em apontar-me o que revelava uma espécie de “código de aparência”.

Na imagem da foto, observamos a rodinha que se forma em torno de Elias. Na alternância do diálogo com as crianças, nota-se que, junto com a atenção em escutar aquilo que vem sendo dito pelo Elias, os corpos<sup>24</sup> acomodam-se para ouvir.

As crianças parecem concentradas, seus olhos não desviam da pessoa de Elias; todos parecem muito interessados no que é dito. As mãos acomodam-se nas ancas, e os pés procuram a melhor posição para sustentar o corpo de forma mais relaxada. Dois garotos menores desviam sua atenção de Elias, em direção a mim que os fotografava. Os demais (seis deles), mantêm-se em pé, e de frente para ele. Uma dessas crianças que está em pé, coloca-se fora do círculo formado em volta de Elias, ao mesmo tempo em que se posiciona de forma diferente dos outros garotos – é o menino de shorts alaranjado. De alguma forma, sua postura parece traduzir a pouca integração que a criança tem com o lugar e com as pessoas daquele local. Dito de outro modo, ele parece mais rígido, no seu posicionamento, do que os outros, e, mesmo estando, como os outros meninos, de pé, apresenta um distanciamento físico com

---

<sup>24</sup>Dentre alguns que foram consultados por mim, destaco o trabalho de Mauss (2004); Bateson, Gregory (1977) e Csordas(1994). Marcel Mauss descreve a “especificidade do corpo” na obra “As técnicas corporais” (1934). O mesmo define as “técnicas corporais” pelas “maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos. Em todo caso, é preciso proceder do concreto ao abstrato, e não inversamente” (p.211); Bateson (1977) em “Lês usages sociaux du corp” utiliza as imagens fotográficas no sentido de identificar traços corporais, de valor social significativos, na relação mãe-bebê; E Csordas no artigo “Embodiment as a paradigm for Antropology” defende a perspectiva de que as pesquisas empíricas, sejam postuladas com base na metodologia, cuja noção de corpo “é objeto para ser estudado em relação a cultura, mas é para ser considerado como sujeito da cultura (p.5).

relação ao círculo – as outras crianças colocam-se no mesmo raio de distância em relação a Elias, enquanto o garoto posiciona-se a uma distância maior, atrás dos outros.

Ocorre que, para estarem aptos a continuar na brincadeira, deveriam demonstrar suas credenciais de bom comportamento. Se a partida começasse e tão logo houvesse uma situação de indisciplina no campo, a criança recebia das mãos de Elias, primeiramente um cartão amarelo, e depois, na reincidência do ato, o cartão vermelho, que deixaria o infrator do jogo sentado e desolado nas escadarias que guardavam a lateral do campo, aguardando a próxima partida ou as instruções do homem.

Um ano depois desta cena, as crianças continuam jogando a bola, desta vez com uma diferença: não existe mais a presença de Elias<sup>25</sup>. Hoje, as crianças organizam elas mesmas a brincadeira do futebol a qual chamam de “repá”<sup>26</sup>, e separam os times com base no critério de identificação com os times. Quero dizer com isso que a brincadeira sofre menos interferência e passa a ser regulada, não por um elemento externo, mas pela própria escolha do que remete um sentido às crianças.

Daí a necessidade de construir uma etnografia, em que cada sentido expressado, seja pelo verbal, seja pelo não verbal – o olhar, os maneios de cabeça, as mãos, os gestos, as posições do corpo, os movimentos do corpo, a mediação dos objetos, os ruídos e as manifestações psicofisiológicas das crianças – deva estar contextualizada no espaço das brincadeiras onde se busca restituir o seu significado.

O estudo aqui apresentado sobre as brincadeiras no Porto-do-Sal, deve estar articulado, assim, com os elementos estruturais, organizadores da vida social, os quais são

---

<sup>25</sup> Elias desentendeu-se com os adolescentes que jogavam bola na Praça uma vez que, segundo o me foi dito pelas próprias crianças, durante as partidas de futebol a bola quando era chutada com força batia no seu carro e lhe causava prejuízo. Não sendo atendido em seu apelo, chamou a polícia várias vezes para proibir o jogo na Praça. Tal situação prejudicou sua relação com as crianças de um modo geral. Magno diz que só ele e mais uma criança é que continuam falando com Elias. Ele continua sendo visto nas proximidades da Praça, mas não interfere na brincadeira.

refletidos nas múltiplas formas de brincar, na pluralidade das regras, e nas particularidades da linguagem.

---

<sup>26</sup> A terminologia refere-se a um clássico do futebol paraense realizado entre os times profissionais do Paysandú e Remo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como são concebidas as representações sociais deve estar sedimentada na noção de que todas e quaisquer categorias expressivas de uma determinada cultura são construídas através de componentes específicos estruturais dessa mesma cultura, e, portanto, compreendidas na relação entre os indivíduos e sua inserção no meio sócio-cultural. Posto isso, considero que as práticas que esses indivíduos elaboram para compreender e expressar sua existência no mundo perpassa pela tentativa de apropriação de um discurso próprio à sua imediata realidade, e que é traduzido na linguagem .

Daí, deve-se deduzir, a princípio, que essa realidade aparece traduzida na linguagem, a qual, por sua vez, corresponde às mais diversas formas de expressão – e, cujas modalidades, podem ser apreendidas na maneira como os indivíduos manejam os elementos constituintes da cultura.

Desse modo, entender as brincadeiras infantis das crianças que vivem no Porto-do-Sal, significa entender o modo como essas crianças constroem a sua realidade simbólica, e, nesse brincar, vão traduzindo o lugar, as pessoas, e configurando suas práticas específicas dentro daquele contexto, como se fosse o *Porto das Brincadeiras*.

Nessas práticas sociais, as crianças vão se apropriando de situações do seu cotidiano, vividas na alternância entre a casa e a rua, na medida em que vão tomando, através das brincadeiras, conhecimento de um universo exterior, o qual, pode ser (re) elaborado por eles, e pode se constituir, *a posteriori*, nas suas próprias expectativas e referências - e que, assim, passam a ter sentido para eles, na sua relação simbólica com o mundo.

Para a construção desse simbólico, as crianças lançam mão das brincadeiras, como um veículo para ultrapassar os limites da fronteira do real e adentrar na esfera do imaginário. Desse modo, o mundo está deslocado para os fazeres da arte do brincar; fazeres que podem

ser concretizados nos espaços da Praça do Carmo, da Baixada, do Posto Vasconcelos e representados nos diversos papéis, pelos seus atores: as crianças. Assim, elas, ora podem ser mãe de família, ora um policial, ora um ladrão, ora um homem de negócios que lida com um dinheiro materializado em recortes de papel de uma carteira de cigarros Derby.

A todo momento, os elementos simbólicos dessa construção são trazidos para o contexto das brincadeiras e, nesse movimento, sofrem uma espécie de transformação para algo que tem sentido concreto e contextualizado em suas vidas, de uma forma lúdica.

Neste trabalho, o brincar surge como manifestação de uma compreensão sobre a representação de criança, que tem, no porto das brincadeiras brincadas no Porto-do-Sal, o cenário onde as crianças recebem e transformam o mundo, constatação que nos leva à reflexão sobre a necessidade de conceber uma criança pelo que ela constrói, sobretudo pelo aspecto que mais nos remete ao universo infantil: o das brincadeiras.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BENJAMIM, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CASTEL, Robert. **Les métamorphoses de La question social**. Imprimé en France : Librairie Arthème Fayard, 1995.

CARDOSO, Ruth. C. L. **Aventuras de antropólogos em campo ou escapar das armadilhas do método**. In: A Aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CSORDAS, Thomas J. **Embodiment and Experience. The existencial group of culture and self**. Case Western Reserve University. In: Introduction: the body as representation and being-in-the-world. Cambridge University Press. 1994.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1991.

DURHAM, Eunice R. **A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas**. In: A aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FONSECA, Claudia. **O abandono da razão: a descolonização do discurso sobre a criança e a família**. In: Psicanálise e Colonização. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

GUBER, Rosana. **La etnografia. Método, campo y reflexividad**. In Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y comunicación. Grupo Editorial Norma: Bogotá – Colômbia, 2001.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Coral Gardens and their magic. The study of the methods of tilling the soil and agricultural rites in the Trombiand Islands**, Vol 2. London: George Allen & Unwin Ltda, 1935.

MEIRELLES, Renata. **Pipa, pião e chicote**. In Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2005.

NEVES, Delma. P. **Nesse terreno galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda**. In: Anuário Antropológico 83. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

SILVA, Aracy Lopes da, NUNES, Angela, MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (orgs). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

SARACENO, Chiara. **Sociologia da família**. São Paulo: Editorial Estampa, 1997.

SIGAUD, Lygia. **As vendas das pontas de rua**. In: Anuário Antropológico 81. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

TRAJANO FILHO, Wilson. **Que barulho é esse, o dos pós-modernos?** In: Anuário Antropológico 86. /Brasília: UNB, 1986.

XAVIER, Ivone. A rosa tatuada. **Um estudo antropológico de meninas-mulheres que vivem nas ruas**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Belém: Ufpa, 1998.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Editora Escuta: São Paulo, 1994.

## **APÊNDICE**

## PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DO PORTO-DO-SAL NO BAIRRO DA CIDADE VELHA

